

O PASTOR QUE DEUS USA
O Trabalho Pastoral Segundo a Palavra de Deus

Eugene H. Peterson

Traduzido por Cláudia Ziller Faria



Rio de Janeiro

A Tarefa Pastoral de Criar Histórias: Rute

*O objeto da salvação não é uma abstração chamada humanidade, E você, ... sua alma e, em algum sentido que ainda está por ser entendido, até mesmo seu corpo, que foi criado para o lugar santo e elevado. Cada mínimo detalhe de sua individualidade foi planejado, desde a eternidade, para se encaixar como uma luva em Deus. Todas aquelas particularidades íntimas, que você dificilmente entende, e muito menos consegue comunicar a seus semelhantes, não são nenhum mistério para Ele, que criou todos os vazios e excessos e pode preencher tudo. Depois Ele concedeu à sua alma uma vida tão única que é a chave destinada a destrancar só uma porta, dentre a miríade de outras portas que existem nEle. **

— C. S. Lewis '

* Eugene Peterson usou, neste capítulo, os versículos de Rute segundo tradução de Edward Campbell para o inglês. Aqui, foi feita a tradução mais literal possível de Campbell para o português. (N. da T.)
| C. S. Lewis, escrito na primeira página de seu exemplar da obra de von Hugel, *Eternal Life*. Citado em Corbin Scott Carnell, *Bright Shadow of Reality: C. S. Lewis and the Feeling Intellect* (Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1974), p. 163.

Toda semana o pastor faz uma jornada bastante curta, mas excessivamente dolorosa do santuário para o saguão de entrada do templo. No primeiro, tudo estava bem organizado e equilibrado: as Escrituras contaram a história verdadeira da salvação, o sermão recontou-a na língua da congregação, os hinos reuniram a voz dos adoradores em orações e louvores que estabelecem a continuidade do povo de Deus em todos os tempos e lugares, atos realizados diante da Mesa da Comunhão e da Pia Batismal definiram a graça e a providência de Deus como reais e disponíveis para cada um dos presentes e as orações criaram um encontro com um Deus pessoal.

Cada culto no Dia do Senhor divide as águas do caos que, sob a ordem do pastor, recuam à direita e à esquerda enquanto o povo marcha pelo centro, em triunfo alegre. Durante 1 hora, toda a verdade apresenta-se proporcionada, contemporânea e completa. Proclama-se, afirma-se e aceita-se a Palavra de Deus. Então, o pastor levanta os braços para a bênção, testemunhando a perfeição da salvação e prometendo a continuidade das bênçãos durante a semana. Depois, vai para o saguão do templo conversar individualmente com as pessoas enquanto elas partem para "tomar posse da terra". (Josué 1.11). Passada mais ou menos 1 hora, o santuário e o estacionamento estarão vazios. Ele entra em seu gabinete e passa a examinar as anotações sobre os que precisam de visitação e aconselhamento. O telefone toca. Olha pela janela e percebe que as águas "voltaram ao seu lugar, e cobriram como antes as suas margens". (Josué 4.18).

No santuário, o pastor trabalha em uma atmosfera de fé reconhecida — cada detalhe claro, simétrico e proposto sob o sinal da redenção. No saguão do templo, tudo é bem diferente. O povo, tendo recebido a bênção, faz uma reentrada desordenada em um

mundo repleto de casamentos problemáticos, cidades caóticas, tédio da meia-idade, confusão da adolescência, ambiguidades éticas e aflição emocional. Aquele que acabou de erguer o cálice da bênção diante da congregação agora aperta a mão de um homem cuja esposa o largou por outro. O pastor que acabou de derramar a água do batismo sobre a cabeça de um bebê agora vê a dor nos olhos de uma mãe cujo filho adolescente encontra-se tomado de rebeldia e ira. Ele mal terminou de se dirigir ao Pai misericordioso em oração e agora combina uma visita a um executivo amargo e céptico que perdeu inesperadamente o emprego. O mesmo pastor que agora há pouco lidou de forma confiante com as Escrituras toca mãos tensas pela ansiedade e calejadas pela servidão humilhante.

É claro que o saguão não contém apenas o caos. Os sinais da salvação e a continuidade das bênçãos são evidentes em muitos, talvez até na maioria. Pode ser que um visitante acredite ser um lugar muito alegre, com todos aqueles cristãos se cumprimentando e compartilhando a alegria. O pastor, porém, nota os sinais de desespero em um, sente a dor velada em outro, conhece o segredo do adúltero e a derrota do alcoólico. Ele sabe que, dentre aquelas pessoas haverá, nos dias que se seguirão, mortes inesperadas, acidentes considerados impossíveis, enfermidades que desafiarão os diagnósticos e conflitos que ninguém antecipou durante aquela hora de culto. No saguão, o pastor se encontra, subitamente, em um mundo que, embora diste apenas alguns passos do santuário, não é de adoração calma, não carrega confiança unânime, não é obediente em amor. Agora não se reconhece mais a salvação de forma inequívoca e aberta. No santuário, a Palavra de Deus organizou a hora de culto. No saguão, os pecados da congregação começam a preencher a agenda pastoral para uma semana de visitas, aconselhamento, consolo e orientação. A transição é abrupta,

violenta e difícil. A tradição oral fala que A. B. Davidson, estudioso e pregador escocês, dizia que essa passagem sempre o deixava com o "mal das segundas-feiras". Uma mulher encontrou-o em uma rua em Edimburgo e falou efusivamente:

- Oh, Dr. Davidson, ouvi sua pregação de ontem, e fiquei tão enlevada! Deve ser maravilhoso ser usado por Deus dessa forma! Ele respondeu:

- É, eu fico com dor nas costas.

No saguão do templo, a atenção pastoral começa a se focalizar nos que não conseguem encontrar seu lugar na aliança, que não consideram sua história de vida compatível com a da salvação de Deus. Geralmente, o anúncio na igreja é claro o suficiente para ser entendido. A vontade de Deus é salvar cada pessoa, incorporar em seu povo cada homem e mulher que criou, enxertar cada história individual no conjunto da história da salvação. Mas muitos se excluem, na suposição de que suas experiências pessoais ou circunstâncias específicas os deixam fora da verdade geral. Culpa, obstinação ou acidentes criam uma fenda de separação, e eles presumem que o que é verdade para todos os outros não vale para eles. Foram deixados de lado. Concluem que, por algum motivo, não são "religiosos" e portanto são inadequados a participar da vereda da fé. Formam identidades negativas ou neuróticas, compreensão de si mesmos sem relação com a vontade de Deus e Seu amor. Sentem que lhes falta organização, experimentam a alienação, ficam incapazes de compreender sua vida como narrativa ligada que tem significado e faz sentido. O pastor sabe que a história da revelação de Deus é uma narrativa abrangente que inclui todos. Como poderá ele fornecer discernimento e incentivo a essas pessoas, para que entendam sua própria vida como capítulos, ou pelo menos parágrafos, na narrativa épica da história salvadora de Deus?

RUTE E A FESTA DO PENTECOSTES

Rute é um livro particularmente útil para o saguão de entrada do templo, pois a história se passou "na época dos juizes", conhecida pela desorganização. Nas Bíblias em português, o livro se segue ao período caótico descrito em Juizes 19-21, quando "cada um fazia o que lhe parecia certo" Juizes 21.25. A narrativa estabelece um contraste calmo e singular com a turbulência selvagem das décadas anteriores. A Bíblia hebraica coloca Rute, num arranjo mais erudito, entre os "históricos" e perde o contraste com Juizes 19-21. Robert Boling, porém, apontou, recentemente, várias correspondências verbais que pressupõem relações entre Juizes e Rute.² Não há como provar a relação entre os dois textos, mas, graças ao trabalho exegético de Boling, pode ver-se que ela é plausível. Para o pastor, essa relação é extremamente sugestiva, porque fornece um panorama do que acontece entre um domingo e outro, sob condições igualmente caóticas. Liturgistas e pregadores não dão muita atenção a esse livro: nenhum lecionário o inclui no ciclo de leituras para o culto público. Não aparecem em Rute quaisquer figuras de proeminência histórica. Não há reis admiráveis, juizes carismáticos nem profetas inflamados. Ele traz a história simples de duas viúvas e um fazendeiro, cujas vidas se entrelaçaram na trama da salvação de Deus, através de atos normais da vida comum.

Mas, apesar do lugar que ocupa no cânon, o simples fato de pertencer a ele fez com que a história da estrangeira Rute, que não nasceu na fé e que não se sentia parte natural dela, integrasse-se na história maior do povo de Deus. Podemos comparar as Escrituras a uma imensa tapeçaria composta pelos atos salvadores de Deus

² Robert G. Boling, *Judges*, The Anchor Bible (Garden City, NY: Doubleday & Company, 1975), comentário sobre o capítulo 19, pp. 277-279.

entre Seu povo. Os grandes nomes que participam do enredo que tem como apogeu o Sinai (Abraão, Isaque, José, Moisés) e os que se seguem Josué, Samuel, Davi, Salomão podem intimidar as pessoas comuns, escolhidas ao acaso:

- Por certo eu jamais poderei fazer coisa alguma de importante em um elenco tão cheio de estrelas.

A história de Rute, viúva, pobre e estrangeira, prova o contrário. Ela é a estranha irrelevante cuja vida se torna essencial para a narrativa completa da história da salvação. As linhas finais do relato constituem uma surpresa:

Boaz casou-se com Rute, e ela tornou-se sua mulher... ela engravidasse dele e deu à luz um filho. ... e lhe deram o nome de Obede. Este foi o pai de J esse, pai de Davi. (Rute 4.13-17)

Embora a história seja simples e despretensiosa, não poderá nunca ser apontada como insignificante: Rute foi bisavó do rei Davi! Ela é um exemplo de pessoa obscura e alienada, arrancada de suas raízes, que aprendeu a entender sua história como parte simples, embora essencial, da vasta epopeia que tem como enredo a salvação de Deus.

O livro de Rute tornou-se documento explicitamente pastoral ao ser escolhido como leitura da Festa do Pentecostes. O tema que-rigmático do Pentecostes é a revelação da aliança no Sinai. A leitura da Tora para essa festa conta a história da revelação em Êxodo 19-20, e a liturgia relembra esse evento. No Sinai, Israel encontrou a estrutura e a orientação para a vida redimida. O passado estava definido, o futuro estabelecido e a conduta cotidiana do povo foi ali ordenada dentro dos limites da aliança. A vida do povo não era

uma série aleatória de experiências arbitrárias, casuais e imprevisíveis. Ela era uma narrativa: havia enredo, estrutura, propósito e projeto. Cada detalhe da vida de cada pessoa faz parte de uma história maior: a salvação. No Sinai, Deus revelou seus caminhos e mostrou como todo comportamento e todo relacionamento se incluem na estrutura global da redenção. O povo descobriu quem Deus era e onde estava em relação a Ele. Em muitas congregações judaicas e cristãs celebra-se, ainda hoje, o primeiro dia do Pentecostes por meio da confirmação dos jovens, sendo esse um rito de identidade onde o que somos se confirma, com base no que Deus mostrou que Ele mesmo é em relação a nós.

O evento do Sinai é um tipo de eixo que mantém unidas duas realidades. A primeira é que tudo que Deus faz envolve a mim (eleição). A segunda é que, por causa da primeira, tudo que eu faço é significativo (aliança). Por haver sido escolhido, sou importante. A eleição cria uma identidade única e a aliança descreve um relacionamento responsável. A eleição declara que Deus tem planos para mim e a aliança descreve como meus atos se encaixam nesses planos.

As duas primeiras frases da revelação do Sinai colocam lado a lado as duas realidades:

Eu sou o SENHOR, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão. "Não terás outros deuses além de mim". (Êxodo 20.2-3)

A primeira frase enfatiza a eleição. A segunda, a aliança. A ação de Deus confere importância à nossa vida, e por isso somos importantes. Isso acontece de duas formas: somos resultado (consequência) do que Deus faz; somos importantes (relevantes). Por isso,

faz diferença se temos ou não outros deuses, se fazemos imagens esculpidas, se matamos, roubamos etc.

Em suma: o Sinai é o momento em que vem-nos a percepção de que somos relevantes, assim como nossos atos. A história faz sentido porque a vontade de Deus e a da humanidade se manifestam nela. Nada é aleatório, sem importância ou inexpressivo. O mundo de todos os dias - conversa, clima, topografia — tem uma realidade esmagadora no Sinai. Havia lá um passado egípcio para ser entendido, um futuro no deserto para ser enfrentado, e tudo isso foi feito na companhia de outros que murmuravam ao sair do Egito, cada um com um nome e uma genealogia. O Sinai não era um lugar especial e santo aonde o povo estava em peregrinação. Foi onde eles estavam quando a vontade de Deus foi esclarecida e a resposta do povo reconhecida. Foram tomadas decisões lá e o evento se tornou, por isso, decisivo.

George Ernest Wright expande o pensamento sobre como essa imersão na história moldou de forma única a fé que Israel tinha:

O sentido da excelência e significado da vida e da verdadeira natureza da personalidade era alcançado em um contexto de comunhão, interdependência e relacionamentos. O valor do homem era visto não tanto como posse ou direito natural, mas como um direito concedido por Deus, ou dEle derivado. A personalidade alcançava sua verdadeira profundidade e estatura em uma relação de fé, amor e obediência ilimitada a Deus. Ele estabeleceu seu amor sobre o homem, que deveria responder em gratidão, com o sentimento de compromisso total. O problema da vida era analisado, por isso não quanto à natureza e a questão da segurança dentro dela, mas na relação muito mais profunda com a vontade de Deus, que criou a natureza e chamou

a sociedade à existência. De acordo com isso, a atenção básica voltava-se para o problema da vontade. A vontade do homem em relação à de Deus era o problema central da existência.³

A partir daquele tempo, quando Israel escreveu sobre Deus, escreveu história. Não houve nada semelhante entre os outros povos do mundo antigo. As nações em torno de Israel registraram dados históricos - reis e reinados, listas de cidades conquistadas em batalhas, cláusulas de tratados, transações comerciais - mas nenhuma delas escreveu história, narrativas onde as decisões do povo e suas reações tenham sido contadas em relação às decisões e atos de Deus. Ao escrever sobre Deus, os contemporâneos de Israel falavam sobre mitos e lendas: o que ouviam dizer sobre os deuses, não eram histórias verdadeiras de pessoas reais.

Os hebreus foram os primeiros historiadores do mundo. Em face da convicção de que Deus agia no meio deles, onde estavam a cada dia, eles acreditavam que o que faziam, quer em fé ou descrença, pecado ou justiça, obediência ou rebeldia, era significativo. Por isso, todo ato poderia ser narrado como uma história, como um registro onde as atitudes do povo acarretavam consequências e faziam parte de um propósito estruturado. Uma história começa, tem seu meio e termina. Tudo nela está lá por um motivo, tem significado. Nada é irrelevante. Cada personagem, mesmo que pequeno, desempenha uma função. E assim os hebreus escreveram a história de homens e mulheres criados à imagem de Deus, enquanto seus contemporâneos escreviam sobre mitos dos deuses, imaginados à imagem dos que os cercavam.

³ G. Ernest Wright, *The Old Testament Against Its Environment* (Chicago: Alec R. Allenson, ^c., 1950), pp. 68 e 69.

Essa consciência histórica significa que não se impunha a existência a alguém, assim como ela não era inerente às coisas em seu estado natural — a existência era um dom, oferecido ao povo de Deus em uma interação de vontades que se desenvolveu. Aceitação teria um significado, a rejeição, outro. A forma como a história se desenrolaria não era fixada de antemão. Só a existência da história era certa: a vontade de Deus e a do homem tinham significado, e esses significados interagiam e forneciam o conteúdo da narrativa. Devido a essa percepção vívida da história, os hebreus não olhavam para a aliança que era, em certo sentido, a sintaxe da história, como uma carga legal a ser suportada. Ao contrário, a aliança evidenciava a importância e os significados inter-relacionados de cada detalhe da história. Para eles, os Dez Mandamentos da aliança não eram uma carga na vida de fé, assim como ninguém considera uma carga os substantivos, verbos e preposições durante uma conversa.

Essa consciência histórica de Israel, provinda do conteúdo da eleição e aliança, já foi amplamente debatida por estudiosos da Bíblia e não carece de maiores abordagens aqui.⁴ Basta enfatizar que nesse tipo de festa, onde o culto estava imerso na história, se lia Rute. Isso é importante, porque a utilização pastoral do livro depende desse contexto. A leitura de Rute no Pentecostes não acrescenta nada, por assim dizer, à revelação do Sinai enraizada na história. O que faz é fornecer uma aplicação para essa história concebida teologicamente entre pessoas que se encontram fora do curso dos acontecimentos principais, que não têm em sua árvore

4 Veja William Foxwell Albright, *From the Stone Age to Christianity: Monotheism and the Historical Process* (Garden City, NY: Doubleday/Anchor, 1957) e John Bright, *História de Israel* (São Paulo: Paulinas, 1978).

genealógica um ancestral que esteve no Sinai e que poderiam facilmente ser deixadas de lado ou ignoradas. Já que são essas exatamente as pessoas para quem se direciona grande parte do trabalho do pastor, o livro de Rute, dentro desse contexto, é de grande utilidade.

O CONTO

Para o trabalho pastoral, a implicação mais importante do livro de Rute é simplesmente sua forma: ele é uma história. Alguns críticos tentaram delinear seu desenvolvimento e demonstrar que proveio do campo da literatura ancestral, mas não obtiveram sucesso. Ele é, como demonstrou E. R Campbell, Jr., "uma nova forma".⁵ Não há nada igual na literatura da antiguidade.

Um povo aprendeu a entender sua vida historicamente, ou seja: como uma existência ligada e significativa, onde a vontade de Deus se mesclava com o livre-arbítrio das pessoas em condições que demonstravam propósito. Esse povo criou o formato da narração para mostrar exemplos da história significativa e coerente em situações locais e cotidianas entre as pessoas comuns. Em Rute, é notável, especialmente, por ser lido no contexto do culto de Pentecostes, o modo como

... traz o conceito elevado da aliança para um contato vital com a vida de todos os dias, não na corte do rei ou no templo, mas exatamente aqui, no espaço limitado da vida na cidade pequena.⁶

⁵ Edward F. Campbell, Jr., *Ruth*, The Anchor Bible (Garden City, NY: Doubleday & Company, Inc., 1975), pp. 8 e 9.

⁶ Idem, p. 80.

O conto, entre os hebreus, não era nunca uma simples dis-tração, como as Mil e Uma Noites. Antes: explorava sempre uma forma particular que a interação de vontades pessoais de Deus, minha, de meu próximo adotava nos "acontecimentos do coti-diano popular".⁷

Os historiadores de teologia de Israel, os assim chamados autores javistas, eloístas, deuteronomícos e sacerdotais moldaram as narrativas querigmáticas abrangentes. O criador do conto estava imerso nas tradições da aliança do Sinai e sentiu a necessidade de fornecer um registro dos caminhos de Deus em termos de pessoas comuns dentro de circunstâncias limitadas que fosse tão atraente quanto o registro da aliança.

Isso é importante para o pastor, por conseguinte significa que temos um modelo para levar a sério cada pessoa, mesmo que obscura, sem importância, excluída do centro dos acontecimentos. Há muitos que não vêem pontos em comum entre sua vida e o que ouvem nos sermões e nas aulas na igreja, ou então não encontram paralelos entre sua vida interior e o que se expressa no culto da comunidade da fé. Pior ainda: algumas vezes, observando e escutando seletivamente, sentem-se excluídos de forma deliberada, assim como Noemi tinha certeza de que Deus pronunciara "sentença maligna" sobre ela (1.21). Rute, que ouvia apenas as narrativas do Pentateuco, deve ter concluído que estava fora dos planos de Deus, já que era moabita. Os obscuros, aqueles em quem ninguém repara, os levados pela correnteza, amargurados, que foram sistematicamente rejeitados pela sociedade ouvem a

⁷ Essa é a frase usada por Erich Auerbach para a realidade material que os autores bíblicos introduziram, de forma única, na literatura ocidental. Veja sua obra *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*, (São Paulo: Perspectiva, 1971), p. 146.

história mais ampla, mas não percebem que lugar ocupam dentro dela: não enxergam onde se encaixam. O conto, por começar onde eles estão e se concentrar no problema de sua vida (as reclamações de Noemi), a alienação de Rute, pode dar forma aos detalhes do sofrimento, do desespero ou da sensação de vazio de cada um, colocando-os em uma história coerente e ordenada que pode ser, então, vista como um aspecto da narrativa mais ampla. Joseph Sittler disse:

Todas as coisas são mais suportáveis se as transformamos em uma história. E as supremas desolações se tornam mais suportáveis e significativas quando a história é a Suprema História.⁸

O pastor encontra no conto uma ferramenta para se afastar do centro querigmático dos teólogos de Israel e chegar até às pessoas que vivem na periferia e se sentem excluídas da história da salvação. Durante o processo de contar-lhes a história de sua vida (ou melhor: de ensiná-las a contar), seus nomes e lutas, pecados e decepções se reagrupam, formando um enredo que tem Deus por seu início, um desenrolar providencial e a conclusão na salvação. Nenhuma história bíblica é apenas uma história, o mesmo acontecendo com a vida das pessoas - cada uma lida com eventos reais, tradições onde há um Criador, Diretor e Redentor, com quem as pessoas comuns que participam da história se envolvem.⁹

O conto é a forma que o pastor utiliza para narrar Heilsgeschichte (a história da salvação), adotando o vocabulário da Seisgeschichte (história da alma). Na Heilsgeschichte de Juizes, por exemplo,

⁸ Joseph Sittler, *The Ecology of Faith* (Philadelphia: Muhlenberg Press, 1961), p. 39.

⁹ G. Ernest Wright, *O Deus que Age* (São Paulo: Aste, 1967).

a inimizade dos midianitas se integra querigmaticamente na narrativa histórica e mostra ser parte da salvação. Na *Seeisgeschichte* de Rute, o pastor trata o vazio amargo de Noemi, sob a dinâmica da providência, levando a um final de plenitude. Na *Heilsgeschichte* de Êxodo, os egípcios formidáveis e inflexíveis são julgados e derrotados nas pragas catastróficas e na travessia miraculosa do mar. Na *Seeisgeschichte* de Rute, as coisas comuns de todos os dias, como respigar o campo de cevada, são usadas como meio de se realizar a redenção. Na *Heilsgeschichte* de Josué, toda a comunidade de Deus, em desfile colorido acompanhado por trombetas de som alegre, cerca as muralhas gigantes da cidade de Jericó, conquista a cidade e entra na Terra Prometida. Na *Seeisgeschichte* de Rute, alguns idosos analisam à porta da cidade, com paciência e calma, a antiga lei do levirato e forjam um elo na cadeia genealógica do Messias.

Ao adotar a postura de narrar a história para o estranho, o pastorado se esquivava de dois erros notórios e, infelizmente, comuns, ou seja: o moralismo e a condescendência. O moralismo enfoca o que está errado com a pessoa desajustada, concentrando-se no problema, o que acentua a alienação. A intimidação moralista é uma paródia dos relacionamentos morais.

Com frequência, alguém não se sente bem no meio do povo de Deus por saber que fez alguma coisa errada. Porém, ignorar todas as complexidades das situações da vida e aplicar o moralismo a um sintoma intensifica a dificuldade. Os pastores são historiadores e não moralistas. Eles aprendem seu ofício aos pés dos grandes historiadores teólogos do Sinai e seus descendentes diretos, os quatro autores dos Evangelhos. Não se aprende a pastorear colecionando aforismos no campo do estoicismo romano.

Não existirá um bom ministério se o pastor se limitar a carregar ditos morais nos bolsos e passear no meio da congregação

colando-os, como etiquetas adesivas, nas vítimas da semana. O pastor precisa aprender a ser um contador de histórias do Evangelho. Como o narrador da história de Rute, ele precisa tornar-se hábil em criar uma história a partir dos detalhes de um problema em particular, usando o modelo de enredo e o vocabulário que assimilou, digamos assim, do deuteronomista.

O pastor que narra histórias difere do moralizador, assim como um médico difere do balconista da farmácia. Quando o doente vai ao médico, este faz o histórico antes de apresentar o diagnóstico e receitar remédios. Pressupõe-se que tudo que aquela pessoa viveu seja relevante para a doença e deva ser levado em conta para que haja cura. O balconista da farmácia se limita a retirar o remédio da prateleira e vendê-lo - um para dor de cabeça, outro para indigestão - sem qualquer preocupação com os detalhes específicos da dor que a pessoa sente.

O pastorado bíblico faz o histórico e com essa matéria-prima cria uma história de salvação, como a de Rute, moldada a partir da penúria, viuvez, colheita de cevada, lei do levirato, amor, providência e paz imutáveis de Deus, a cidade de Belém e a terra de Moabe. O narrador reúne detalhes locais e pessoais, aparentemente incompatíveis, coloca-os junto com numerosos itens individuais que nunca foram mencionados nas histórias desenvolvidas a partir do Sinai e elabora uma outra, que é importante, cheia de significado e redentora.

A condescendência é o outro erro pastoral evitado pelas histórias. Os pastores, com muita frequência, se entediam com pessoas lerdas, se irritam com os que são difíceis e se frustram com os obstinados. Gente que não canta os hinos com fervor, não é fiel no dízimo, falta aos cultos, não lê a Bíblia com entendimento, não ama com maturidade — todos esses prejudicam a vida pastoral.

Não é surpresa que o pastor - que canta de todo coração, é generoso no dízimo, está sempre no culto, aprendeu a ler a Bíblia com inteligência e, nem precisa dizer, é maduro em seu amor - tenha dificuldade para evitar a condescendência para com muitos, se não a maioria, dos membros de sua congregação. Mas, se ele abordar essas mesmas pessoas com os interesses e as expectativas de um contador de histórias, tudo será diferente.

Se cada membro da igreja for personagem-chave de uma história, tudo se torna vivo e interessante. Todos os detalhes do dia são relevantes. O narrador não se dispõe a reduzir ninguém a um prontuário, nem a despersonalizar alguém transformando-o em um número na estatística de divórcios, nem a usar uma pessoa como ilustração relacionada à depressão da menopausa. As histórias crescem, aperfeiçoam-se e desenvolvem-se. Percebe-se que cada detalhe, colocado em seu devido lugar, faz diferença. A existência não se reduz a um gráfico para análise. Ela é vívida nos movimentos de um drama, onde algumas das ações e falas ainda não foram escritas. Chesterton disse:

... uma história é empolgante porque contém em si aquele forte elemento de vontade a que a Teologia chama o livre-arbítrio. Não poderemos acabar uma soma como quisermos, mas poderemos acabar uma história como entendermos.¹⁰

O pastorado que tem raízes nas histórias da aliança derivadas do Sinai e que desenvolve a habilidade de fazer narrativas como a de Rute fica a salvo tanto das práticas moralistas quanto das atitudes de condescendência. Continua o ministério saudável, que

10 Gilbert K. Chesterton, *Ortodoxia* (Porto: T. Martins, 1958, 4ª. ed.), p. 215.

respeita as pessoas e evoca um propósito, o ministério à moda de Israel. Quanto a esse povo, quando desejava falar de sua fé não adotava termos moralistas, pesquisas sociológicas nem ensaios conceituais, não havia filósofos, estatísticos nem beletristas em Israel: "as pessoas contavam uma história".¹¹

Para os que têm familiaridade com a forma que os historiadores do Sinai usavam para criar uma narrativa, a conversa não é o passo inicial para a narração de histórias. A primeira etapa é ouvir, o pré-requisito para a criação do conto pastoral, ou seja:

fazer a transição do que a pessoa percebe como alienação e sente como uma mixórdia de irrelevâncias sem relação umas com as outras para um sentimento de coerência e inclusão. Quando um pastor ouve um membro de sua congregação, com intensidade e paciência, esse simples ato concede sentido narrativo ao que, de outro modo, seria apenas fofoca comum, parte de uma queixa ou fato isolado.

A postura continuada de ouvir com atenção confere significado ao que o outro diz: entende-se que, já que há quem os ouça com respeito, os detalhes são importantes. Mas a história não será contada sem alguém que se interesse pelo material variado e confuso da vida de todos os dias e tenha paciência para ponderar sobre ele, habilidade para discernir as nuances de significado e sabedoria para preencher as lacunas com os itens óbvios, mas frequentemente esquecidos, da realidade, como a providência de Deus. Mas, ao se tomar a sério as coisas cotidianas, uma estrutura interna se concretiza nelas: pessoas e eventos comuns se inserem nas estruturas da história da salvação.

¹¹ Gerhard von Rad, *Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1973).

A atitude pastoral de ouvir capacita a pessoa a reconhecer as correspondências entre o que é denegrado e desvalorizado pelos outros como mundano e os padrões verdadeiros da redenção de Deus. Há um exemplo notável dessa correspondência reconhecida na história de Rute quando o narrador elabora uma conexão entre a forma como Deus age e as atitudes dos personagens. Boaz apresenta a Rute o Deus de Israel:

... o Deus de Israel, sob cujas asas você veio buscar refúgio! (2.12)

Mais adiante, na eira, Rute pede a Boaz:

Estenda a sua capa sobre a sua serva (3.9)

Em hebraico *asas* e *capa* são a mesma palavra, o que força o reconhecimento de que aquilo que Boaz prometeu a Rute que Deus faria por ela se cumpre no que ela consegue que ele faça a seu favor: a providência de Deus aparece sob a forma de um encontro pessoal corriqueiro.

Então, o pastor começa seu trabalho, não contando história, mas acreditando que há uma história a ser contada, prestando atenção à vida do outro e determinado a ouvir mesmo as digressões aparentemente incoerentes, até que o enredo comece a emergir. Ele é um trabalhador local, braçal, que prefere ampliar com dificuldade a pequena abertura para vislumbrar a vida monótona e fechada em lugar de se deslumbrar, de forma melodramática, com diletantes famintos por distrações. Esse tipo de atenção pastoral é heurística, descobre em cada novo encontro com lugares-comuns

um novo aspecto da história. O médico francês Laënnec, que viveu no século 19, dizia a seus alunos:

— Ouça, ouça seu paciente! Ele está-lhe apresentando o diagnóstico.

Laënnec foi um bom médico e inventou o estetoscópio.

ACONSELHAMENTO E VISITAÇÃO

O pastor ouve, e essa é sua maior contribuição na criação das histórias. Isso acontece, geralmente, durante atos combinados de aconselhamento e visitação. Já que a criação e a narração das histórias requerem certo grau de tranquilidade e privacidade - tempo para prestar atenção e um lugar livre de interrupções -, elas só acontecerão se forem feitos os arranjos necessários. A narrativa não acontece no santuário, porque ninguém deseja ver sua história contada do púlpito. Nem ocorre no saguão do templo, coalhado de distrações, onde tudo acontece em ritmo apressado. Mas o aconselhamento e a visitação, ambos, fornecem as condições em que uma pequena história de salvação pode ser construída a partir do material recolhido na vida cotidiana.

Faço distinção entre aconselhamento e visitação apenas em termos das circunstâncias externas. O primeiro, em geral, tem início com uma pessoa pedindo ajuda ao pastor e acontece no gabinete ou em outro lugar que seja da conveniência dos envolvidos. A visitação normalmente acontece por iniciativa do pastor, na casa do membro da igreja ou em outro lugar que lhe seja conveniente. No aconselhamento, o pastor controla a situação. Na visita, quem controla é o membro da igreja. Dentro de meu gabinete, posso evitar as interrupções e definir o relacionamento, mas, na sala da casa de outra pessoa, não tenho liberdade para desligar a televisão, tirar o telefone do gancho ou dizer ao vendedor que bateu

à porta que ele deve voltar outro dia. Isso tudo, claro, explica a preferência que muitos pastores têm pelo aconselhamento, onde são reconhecidos como autoridade por alguém que admite que precisa de ajuda. Nesse caso, os pastores estão evidentemente no controle e são capazes de definir os termos do relacionamento da forma que mais lhes agrada.

Tudo isso explica, também, por que os membros das igrejas, em sua grande maioria, preferem a visitação, por conseguinte neste ato pastoral eles são escolhidos para receber atenção especial e reconhecidos como importantes. Além disso, eles regulam o nível de intimidade da conversa da forma como acharem melhor:

podem escolher entre abrir o coração e manter uma conversa superficial. Mas, quando o pastor se dispõe a colaborar com as pessoas na obra de criação das histórias, usando as estruturas de aconselhamento e da visitação, os estereótipos tradicionais desses atos pastorais deixam a esfera das distinções de ego (quem é mais importante? quem está no controle?) e se transformam em formas complementares de se fazer a mesma coisa, ou seja: chegar até à história. Não há preferência por um ato em detrimento do outro, já que a diferença entre eles é apenas o ambiente e não a essência do que está acontecendo. Em qualquer caso, só se precisa de um arranjo em que as conversas de todo dia possam ser tratadas con-fidencialmente e de forma significativa, para que se estabeleça um sentimento de colaboração, e se possa dizer:

- Vamos conversar, e transformar nosso diálogo em uma história. Vamos descobrir onde nos encaixamos, juntos, no enredo da história de Deus.

Nesse tipo de situação, o pastor não conta a história, apenas se limita a afirmar que existe uma história a ser contada, e se dispõe a fornecer a oportunidade e o estímulo para que as pessoas construam

e contem suas próprias histórias, e se coloquem como situações pessoais e locais da história maior da aliança da salvação.

Quando vistos sob essa perspectiva, o aconselhamento e a visitação dos dias da semana são para o domingo o que o livro de Rute é para a Festa do Pentecostes, isto é: o que o conto é para a história teológica. A metáfora da criação de histórias restaura tanto o aconselhamento quanto a visitação em seu cenário bíblico, do qual haviam sido removidos, em uma era de secularização. Afirmo isso em face de que o fato de que a popularidade do aconselhamento e a impopularidade da visitação, ambas, são devidas, em grande parte, à secularização, pois esses atos foram arrancados de seu ambiente bíblico e perseguidos como atividades que justificam a si mesmas. A secularização do aconselhamento decorre da influência das ciências da psicologia e a da visitação da ação da indústria das relações públicas. Se aprendermos a usar essas duas práticas como meio de criar e contar histórias, eles poderão voltar facilmente a ter a importância original e a ser muito úteis para o trabalho pastoral que visa a ser de acordo com a Bíblia.

Em seu papel de conselheiro, o pastor se afasta de sua posição como amigo em Cristo e passa a funcionar como um substituto de Deus. Isso, em suma, é um ato de idolatria. É extremamente difícil resistir a esse processo, pois todos gostam de ser tratados como deuses. Aqueles que buscam aconselhamento o fazem certos de que ele ou ela, a parte fraca, receberão ajuda do pastor forte. E como se o inferior procurasse o superior. As pessoas procuram especialistas para resolverem seus problemas, porque assim não precisarão se tornar competentes para viver em autenticidade e de forma responsável. Todos estão acostumados a se submeter aos especialistas em todas as outras áreas da vida, por que não fazer o mesmo aqui?

Jesus forneceu uma refutação magistral para esse tipo de secularização ao responder à bajulação entusiasmada do homem que correu até Ele, ajoelhou-se e disse:

- Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Jesus se recusou a ser objeto da idolatria e respondeu:

- Por que você me chama bom? Ninguém é bom, a não ser um, que é Deus. (Marcos 10.17-18)

Embora as palavras do homem possam ser justificadas com base no reconhecimento posterior de Jesus como o Cristo, nas circunstâncias em que foram proferidas só podem ser vistas como uma tentativa de colocar Jesus no papel do perito responsável e o próprio homem no de amador desamparado. Com sua experiência na prática de vender e comprar visando ao lucro, aquele homem sabia como se colocar em posição de inferioridade para conseguir aquilo de que necessitava: transformar Jesus em um conselheiro, de quem poderia comprar orientações sobre a vida eterna. Jesus se recusou a assumir essa função e insistiu em afirmar que os dois estavam no mesmo nível: "Você conhece os mandamentos", isto é: nós dois temos acesso à mesma revelação. A resposta do homem demonstrou que, apesar do fingimento na abordagem inicial, ele sentia um desejo sincero de encontrar o que é bom, e Jesus amou-o por isso. Esse sentimento do Mestre não deve ser confundido com piedade condescendente nem com crítica alienadora. O amor dEle fez daquele homem Seu amigo e forneceu as condições para a colaboração criativa. Jesus localizou um espaço vazio na vida do homem e lhe deu uma ordem que o preencheria, que forneceria material para criarem uma história a partir do que, até àquele momento, não passara de uma lista interminável de tarefas: obedecer a tantos mandamentos e adquirir tantas propriedades. Tudo que o homem precisava

fazer era se unir a Jesus para incorporar os novos dados à sua vida. Ele escolheu rejeitar a oferta. O bom aconselhamento não tem como alvo o sucesso e não controla a forma como a nova realidade será usada. O pastor não tem como escrever a história sozinho: o máximo que se pode fazer é colaborar com o outro na escrita e na narrativa.

O pastor não participa do ajuste da história, mas, sim, da criação dela. O interesse primordial reside em conseguir verdade que se possa usar e depois encarar a pessoa como um igual para que haja confiança e liberdade para trabalhar com criatividade sobre o material encontrado. Ao resistir à secularização, ou seja, ao se recusar a ser usado separado de Deus ou em seu lugar, o pastor força a pessoa a se relacionar com o Senhor por sua própria conta. O propósito do pastor é ajudar na reunião de toda realidade relevante, que inclui Deus, e depois encorajar uma narrativa coerente. O pastor não pode torcer os fatos para chegar a um final feliz nem simplificar tudo em um sermão. As histórias serão alegres, tristes, engraçadas ou trágicas, mas todas serão verdadeiras.

A secularização da visitação pastoral acontece quando o pastor desiste do trabalho incerto e de certa forma humilde de fazer companhia aos peregrinos e assume a tarefa de agente de relações públicas da congregação. Suas ocupações passam a ser, então, demonstrar entusiasmo contagiante, conseguir dinheiro para atender ao orçamento, começar novos projetos e ser aprovado pela plateia dos domingos. Mesmo quando as pessoas percebem a natureza manipuladora por trás desse tipo de visitação, elas não parecem incomodar-se: estão tão condicionadas a receber esse tipo de tratamento por publicitários, políticos e vendedores que, aparentemente, presumem ser essa

a marca de qualquer pessoa bem-sucedida, e admiram a energia de seu pastor.

Há muitas recompensas quando tudo corre bem nas visitas. Quando algo dá errado, demite-se o pastor e contrata-se outro. Em qualquer caso, o fim declarado da visitação é religioso, e isso esconde os meios seculares. Mas o fato claro e simples é que, sob a pressão desse tipo de expectativa, a visitação deixa de ser tarefa pastoral. Os pastores que percebem o processo se recusam, com toda razão, a compactuar com ele. Martin Thornton escreveu:

Visitar as pessoas em seus lares pode ser inspirado por ... recrutamento tolo, contra o qual eu preciso opor-me. Se tivermos sorte, a expressão "um clérigo que visita cria meros frequentadores de igreja" será falsa. Caso contrário, será uma verdade lamentável.¹²

A tarefa dos pastores é manter a integridade da visitação, mesmo quando a atitude de alguns de seus colegas e a expectativa dos membros de sua igreja divergem do ministério bíblico. Paulo fazia visitas pastorais a cidades inundadas de sofistas, mascates da religião, que iam até às cidades, vilas e mercados e promoviam programas religiosos mediante o pagamento de uma taxa. O paralelo com a visitação pastoral não é exato, já que o pastor mora no local e os sofistas eram itinerantes, mas há semelhanças no fato de ambos casos envolverem "ir" até onde as pessoas se encontram, com a expectativa de que os leigos

12 Martin Thornton, *Pastoral Theology: A Reorientation* (Londres: SPCK, 1964), p. 270. Jonathan Edwards, pastor que era fiel na visitação, recusava-se a praticar o que ele chamava de visitas de "chá e bolo", ou seja: visitas que eram apenas sociais.

receberão algum benefício. Paulo foi veemente ao se eximir das visitas dos sofistas. Uma coisa que ele fez para estabelecer a visitação como instrumento na criação de histórias foi deixar bem claro que seu ato não era profissional: ele não fora contratado para desempenhar, no lugar do povo, as partes públicas e difíceis da religião:

*Não que tenhamos domínio sobre a sua fé, mas **cooperamos** com vocês para que tenham alegria.*

(2 Coríntios 1.24, ênfase do autor.)

Ele também não quer vender nada:

Ao contrário de muitos, não negociamos a Palavra de Deus visando a lucro; antes: em Cristo falamos diante de Deus com sinceridade, como homens enviados por Deus. (2

Coríntios 2.17)

Ele insiste em que, em suas visitas, participa de uma vocação de discipulado comum a todos e que não há nada de importante em sua posição, pois ele não está acima nem adiante dos outros:

Mas temos esse tesouro em vasos de barro. (2 Coríntios 4.7)

A preferência de Paulo pelo uso do prefixo *syn* para falar sobre a vocação cristã é mais uma evidência disso. Muitas vezes, o prefixo é usado em nossas traduções como "co" (concidadão, co-herdeiro, coadjudante, conservo, colaborador etc.). Qualquer que seja a situação de Paulo e das outras pessoas, eles estão juntos,

são companheiros na fé. A visita pastoral não é uma atenção condescendente de um superior para com um inferior, nem o cuidado profissional de alguém que tem o que oferecer para alguém que precisa receber. É um ato de colaboração que objetiva demonstrar a mutualidade do discipulado cristão. A engenhosidade de Paulo em encontrar meios para expressar essa verdade aparece de forma muito vívida em uma sentença da carta aos Efésios, onde ele usa três compostos com o prefixo *syn*. Ele descreve os gentios:

são co-herdeiros [synkleronoma] com Israel, membros do mesmo corpo [syssôma], e co-participantes [symmetocha] da promessa em Cristo Jesus. Efésios 3.6

A segunda providência de Paulo objetivando a restabelecer a visitação como ato pastoral autêntico foi usar a visita para partilhar sua própria experiência com Cristo. O melhor exemplo disso encontra-se em 2 Coríntios, seu livro mais autobiográfico. Ele conta na carta seus problemas, seu desânimo, sua dor. Sua disposição de se expor como um "co-cristão", tão fraco e perturbado quanto os outros, faz dos coríntios participantes, com ele, da vida da fé. Um exemplo contemporâneo desse tipo de compartilhamento pessoal foi dado pelo psicoterapeuta Sheldon Kopp, que decidiu contar a seus pacientes sua jornada terrível decorrente de uma cirurgia no cérebro e as sequelas que apareceram em suas atitudes:

Alguns queriam e ao mesmo tempo não queriam ouvir as partes mais perturbadoras. Mas a maioria concordou em um ponto: o fato de eu partilhar tudo com eles me fez parecer mais humano aos seus olhos. De fato, ao revelar meus problemas e

meus sentimentos, para os quais ainda não tinha solução, deixei alguns pacientes mais livres e mais esperançosos quanto às suas perspectivas. Se eu ainda era imperfeito, talvez eles não tivessem que atingir o nível de perfeição que buscavam antes.¹³

As grandes passagens em que Paulo abre seu coração - 2 Coríntios 4.7-18 "temos esse tesouro em vasos de barro...", 6.1-13 "tidos como enganadores..." e 11.16-30 "Se devo orgulhar-me, que seja nas coisas que mostram a minha fraqueza." - devem ter causado a mesma impressão em seus companheiros de jornada, pois ele deixou claro que o objetivo de sua visita não era fazer alguma coisa para eles. Antes, era uma demonstração de fé comum a todos, um exercício conjunto do trabalho cotidiano de seguir a Cristo. A visitação pode ser usada na construção de histórias, quando acontece em colaboração e companheirismo. O pastor desempenha a função de espião de Deus e procura os caminhos da graça. Combinando o que descobriu com o que o outro encontrou, os dois, juntos, podem escrever uma narrativa. O pastor ouve, ajuda na organização dos dados, chama a atenção para detalhes que passaram despercebidos, propõe uma nova estrutura para uma sentença aqui, a alteração de uma preposição mais adiante.

O efeito da ação de Paulo foi retirar a visitação do domínio dos mascates e propagandistas sofistas e assumir o controle para que ela pudesse ser usada com eficácia para o desenvolvimento da participação local e individual na vida de Cristo que, aqui, chamo de "criar sua própria história". Trabalho semelhante a esse de Paulo

13 Sheldon B. Kopp, *Guru: Metaphors from a Psychotherapist* (Paio Alto, CA: Science and Behavior Books, 1971), pp. 165 e 166.

precisa de ser repetido vezes sem conta, se desejarmos fazer da visitação um instrumento do trabalho do pastor em lugar de vermos o pastor a serviço da visitação.

Sobre determinados aspectos, tanto aconselhamento quanto visitação são atos menores dentro do pastorado: neles o pastor não faz muita coisa. Deus está agindo antes de entrarmos em cena, e continua trabalhando depois que nos afastamos. O pastor não introduz Deus na vida de alguém. Deus estava "há muito tempo com minha alma".¹⁴ Ele chama a atenção para o que já estava presente, e, com o ouvido atento e uma resistência obstinada a ser "secularizado", cria as condições em que a história do Evangelho pode ser contada. Encorajamos o uso do material que havia sido suprimido (pecado, por exemplo, que é difícil de se reconhecer, ou os fracassos que ninguém quer admitir). Estimulamos o reconhecimento da graça que, até o momento, não havia sido percebida de forma consciente. Ao assumir que Deus tem planos para aquela pessoa (eleição) e forneceu a estrutura para que a salvação seja vivenciada (aliança), o pastor constrói uma ponte entre o Sinai e o lugar onde a pessoa está qualquer que seja ele e oferece a convicção de que há uma história de providência, salvação ou santificação que merece ser contada.

Nem todo ato de visitação e aconselhamento produzirá uma história acabada. De jeito nenhum! Mas todos podem ser um aspecto da construção das narrativas. O pastor entra com a convicção de que existe material para a história. O aconselhamento e a visitação protegem e confirmam que cada indivíduo comum é um ser único para que a singularidade e o sentido da vida não

¹⁴ Autor desconhecido, trecho de um hino que faz parte do hinário *The Pilgrim*, publicado em 1904.

se percam em meio aos trovões e relâmpagos da grande história proclamada no Sinai. Esse tipo de trabalho pastoral confere substância à observação de Charles Williams sobre a cristandade: "... seus espetáculos e seu caráter são maravilhosos, mas seu poder reside em seus santos desconhecidos".¹⁵

Muitos escolherão não participar desse tipo de trabalho: nem o aconselhamento, nem a visitação, mesmo quando bem-feitos, garantem a construção de uma história. Os pastores apenas convidam as pessoas para fazer e contar histórias, e se oferecem como colaboradores treinados para o trabalho. Se o convite for recusado, o pastor não pode fazer nada. O que não pode acontecer, de forma alguma, é sermos movidos pela pressa e pela impaciência no ímpeto de criar uma história por nossa própria conta: não seria verdadeira, e a pessoa saberia disso. Neste caso, poderíamos chegar a uma propaganda de promoção de uma causa, ou a um fato que contém alguma verdade e pode ilustrar uma doutrina, mas não teríamos uma história completa.

NOEMI, RUTE E BOAZ

O livro de Rute, exemplo singular da construção de uma história local no contexto maior da história da salvação de Israel e da Igreja, nada mais é do que uma amostra de possibilidades. Evidencia a possibilidade de criação de histórias e estimula os outros a essa atividade. Mas cada pessoa precisa encontrar seu próprio caminho. Não podemos comparar a igreja a uma sala de seleção para o elenco de uma peça, onde nos candidatamos a um número limitado de papéis e, se escolhidos, fazemos nossa parte sob a direção do pastor

15 Charles Williams, *The Descent of the Dove* (Nova York: Meridian Books, 1956), p. 205.

e, se rejeitados, vamos viver nossa vida só, da melhor maneira que conseguirmos. A tarefa pastoral não é designar papéis ou dirigir os personagens, mas, sim, ajudar as pessoas a fazerem parte da história, exatamente como elas são, fazendo o que é apropriado para cada uma, interagindo umas com as outras. Os três personagens principais no livro de Rute — ela própria, Noemi e Boaz - apresentam três formas de entrar na história. Cada um parte de uma situação inicial diferente, percorre seu próprio caminho e apresenta, de modo específico, o aparecimento e o desenvolvimento de seu significado individual. Esse desenvolvimento se dá por meio das exigências interiores de cada pessoa, a partir daquilo que é comum a todos dentro da arena espaçosa da história da salvação, onde há espaço suficiente para diversidades criativas. Nenhum desses caminhos deve ser usado para se impor um papel bíblico sobre outro.

Noemi entra na história reclamando. Ela sofria com a perda e se queixava amargamente. O narrador levou a sério essa infelicidade e apresentou-a na forma de um protesto contra Deus. O conteúdo do primeiro capítulo de Rute não poderia estar mais distante da ideia que fazemos da matéria-prima para se contar a história do Evangelho: fome, três mortes, três viúvas e a anarquia.

Quando Noemi voltou para sua terra natal, Belém, depois de ficar distante dez anos, muitos se animaram e se alegraram, mas ela recusou os votos de boas-vindas.

*Não me chamem de "Agradável",
Chamem-me de "Amarga",
Pois Shaddai realmente me tornou amarga.
Eu estava cheia quando parti,
Mas vazia Javé me trouxe de volta.
Por que me chamar de "Agradável"?*

*Pois Javé testemunhou contra mim
e Shaddai pronunciou uma sentença de mal sobre mim.*

1.20-21¹⁶

Por meio dessas palavras Noemi surge, reclamando diante de Deus. Esse estilo de queixa, colocado na forma usada em processos judiciais, aparece também em Jeremias, que se lançou a uma argumentação e contra-argumentação entre Deus e o povo, e apresentou um processo contra o Senhor diante da evidência de que Ele não havia sido justo.

Embora alguns considerem isso irreverência, e até mesmo blasfêmia, há um fato claro: essas queixas são bem comuns nas Escrituras. O pastor pode ajudar a pessoa a "entrar na história" participando da formulação de suas reclamações, elaborando listas de queixas, esclarecendo onde Deus não cumpriu a parte dEle no acordo e esboçando uma acusação contra Ele. O pastor não tem de estar sempre do lado de Deus. O Senhor não precisa de ninguém para defendê-lo. Há situações em que a posição bíblica é a de se colocar ao lado do queixoso. Em certas ocasiões, o pastor encoraja a pessoa a reclamar, sabendo que

... a queixa não apenas é tolerada por Deus, mas pode até mesmo ser a postura adequada àqueles que O levam a sério! Qualquer pessoa que atribui soberania total a um Deus justo e misericordioso pode ter certeza de que se confrontará com o problema da teodicéia, e enfrentar esse dilema não é pecado, mesmo quando isso leva a uma tentativa de julgar Deus. Noemi tem companhia:

o petulante Jonas, o fervoroso Jeremias e o persistente Jó.¹⁷

16 Campbell, p. 62.

17 Idem, p. 83.

Por ser levada a sério - em lugar de ser rejeitada, diminuída ou espiritualizada — a queixa de Noemi se torna parte da história. O vazio de sua vida se entrelaça com o cenário, e no decorrer dos eventos há oportunidade para a demonstração da providência de Deus. Esse vazio é preenchido simbolicamente, quando Rute volta da eira com o presente generoso de Boaz:

*Você não irá vazia, para sua sogra. (3.17)*¹⁸

Aquela que voltara vazia para Belém agora não estava mais sem nada. A providência começava a agir! A situação inicial de Noemi se reverte por completo na conclusão da história, quando as mulheres da vila gritavam, após o nascimento de Obede:

"Nasceu um filho para Noemi!" Elas não diziam que o filho era de Rute, mas, sim, de Noemi, que não recebe a explicação dos motivos que levam Deus a agir. Em lugar disso, vê-se dentro de um conjunto de relacionamentos vivos, que se desenvolvem e se estendem para o futuro. De forma às vezes superficial, às vezes dramática, ela entende que Deus é fiel, apesar das aparências, e que continua desempenhando suas funções. Essa constatação a deixa livre para agir.

Se a queixa dela e de qualquer outra pessoa fosse retirada da História - rejeitada por ser mera lamúria, considerada inadequada para fazer parte de uma história sobre salvação -, teria infeccionado e se transformado em uma postura de críticas rancorosas contra todos, menos contra Deus. Ao entrar para a história, a reclamação se tornou um meio de vivenciar o caminho da providência de Deus.

¹⁸Ibid,p. 116.

Rute entrou no cenário pedindo aquilo que desejava. Em certo momento, quando se aproximava o apogeu do enredo, a sogra orientou-a sobre a forma certa de se aproximar de Boaz. As duas sabiam que ele tinha com elas o parentesco que o tornava resgatador e que, se agissem certo, podiam ser retiradas da pobreza, e Rute conseguiria um marido. Escolheram a eira para o lugar do encontro. Noemi orientou Rute:

Sabia que Boaz, o patrão das moças com quem você esteve hoje, faz parte do nosso círculo de alianças? Veja, ele vai limpar o grão na eira perto do portão hoje a. noite. Agora, tome um banho, perfume-se, vista sua capa e vá até à eira. Não se apresente a ele antes de que ele termine de comer e beber. Depois, quando ele se deitar, veja onde ele está, vá até lá, levante a coberta de suas pernas e se deite. Então, ele vai dizer-lhe o que você deve fazer. (3.2-4)¹⁹

Interessante notar nesse trecho da história que Rute fez exa-tamente o que a sogra lhe disse, a não ser a última parte. Nós a encontramos na eira, mais tarde naquela noite. Estava deitada ao lado de Boaz, e a narrativa prossegue:

Por volta da meia-noite, o homem estremeceu, e apalpou em volta, e havia uma mulher perto dele! Ele disse: "Quem é você?" Ela respondeu: "Sou Rute, sua serva. Estenda sua asa sobre sua serva, pois o senhor é um resgatador. " (3.8-9)²⁰

¹⁹Ibid,p. 114. ²⁰Ibid,pp. 114-115.

Noemi havia dito a Rute que Boaz lhe diria o que fazer, mas, quando chegou o momento, Rute tomou a iniciativa, e disse a Boaz o que ela queria que ele fizesse: "Estenda sua asa sobre sua serva, pois o senhor é um resgatador." Há um jogo de palavras com as asas de Javé no capítulo 2, versículo 12, e as "asas", ou a capa de Boaz.

Muitos comentaristas apresentam os costumes antigos e até os modernos dos árabes como evidência adicional de que colocar a capa sobre uma mulher simbolizava o casamento.²¹

Em outras palavras, Rute disse:

- Quero que você se case comigo.

A correspondência exata da terminologia de Ezequiel 16.8 e Rute 3.9 evidencia que o pedido de Rute foi que Boaz se casasse com ela.

Essa intromissão súbita do livre-arbítrio, quando Rute toma a iniciativa, dificilmente passa despercebida para quem presta atenção à história. Ela não é uma vítima das circunstâncias. Estar na história de Deus não significa permitir, passivamente, que as coisas aconteçam. Não quer dizer submissão desprovida de raciocínio, nem obediência cega. Embora estrangeira (fato enfatizado repetidamente: ela é chamada de "moabita" seis vezes) e estranha aos limites definidos para a aliança, Rute entra na história quando se afasta da posição social que os outros lhe atribuíram - nora, moabita, respigadora - e fala o que quer. Por conseguinte, ela passa para o centro da ação e se torna ancestral do Messias.

Há momentos em que o pastor colabora na construção da história encorajando as pessoas a se apresentarem e dizerem o que querem, não apenas repetindo o que aprenderam com a mãe e o

²¹ Ibid, p. 123.

pai, cônjuge e professores, e até mesmo com o pastor. O processo de construção de histórias é criativo não apenas na disposição da matéria-prima e na atenção concedida às realidades esquecidas dos caminhos escondidos de Deus, mas também na expressão pessoal no momento certo, em que se pede o que se deseja.

Boaz entrou na história assumindo novas responsabilidades. Antes de tudo, foi apresentado como homem próspero, de boa reputação. Tinha bom relacionamento com os que trabalhavam em suas plantações. Parece que todos apreciavam sua companhia. Foi descrito como um homem de posses 2. 1.²² Seu nome significa "nele há força".²³

Sabemos que essa história se passou em um tempo em que "cada um fazia o que lhe parecia certo". A regra era: cada um por si. Há épocas em que a força se torna sinônimo de retidão. Será que, em tempos assim, os detentores do poder praticam o bem? E os ricos, não cuidarão de si mesmos, à custa das viúvas e dos pobres? O cenário do livro de Rute se relaciona com as responsabilidades da aliança, como expressas nas obrigações do "resgatador" e do casamento pelo levirato. As responsabilidades envolvidas nessas leis e costumes antigos não são claras. O que fica claro é que existiam certas obrigações, e parte do interesse dessa narrativa se relaciona à dúvida sobre a atitude de Boaz diante de suas responsabilidades. Aparentemente, ele poderia esquivar-se e continuar mantendo seu bom nome, já que havia outro parente mais chegado do que ele. Poderia ter obedecido a lei ao pé da letra e encaminhar o assunto de Rute ao parente mais próximo, "Senhor Fulano de Tal".

22 Ibid, p. 85.

23 Ibid, p. 90.

O Pastor Que Deus Usa

A cena à porta da cidade, onde se debatem as obrigações do resgatado r, deixa claro que Boaz, o "homem influente", agirá de forma condizente com sua fama.

Então, Boaz disse aos anciãos e a todo o povo: "Vocês são testemunhas de que hoje eu compro das mãos de Noemi tudo que pertencia a Elimeleque, a Malomea Qyiliom. E, o mais importante: "compro" Rute, a moabita, esposa de Maiom, para ser minha esposa. Para estabelecer o nome dos mortos em sua herança, para que o nome dos mortos não desapareça De entre seus irmãos Ou da assembleia de sua cidade. Vocês são testemunhas — hoje! (4.9-10)²⁴

Alguns, como Boaz, entram na história ao assumir suas responsabilidades. Levam uma vida correta, que demonstra os relacionamentos perfeitos de Deus ao ir além da letra da lei e, com persistência e generosidade, buscar forma de colocar sua riqueza e posição a serviço dos outros. Em decorrência da postura de Boaz, as "asas" de Deus podem ser vistas na história através das "asas" dele 2.13 e 3.9. Enxergamos a redenção na História, porque Boaz percorreu os detalhes legais de uma antiga lei mosaica. Há gente "influente" que se apropria da riqueza e desfruta influência sem nunca as usar em prol dos outros. Os pastores têm condições de colaborar na construção da história dessa gente, de forma que não se vejam mais como o centro para onde gravitam, naturalmente, a fama, os bens e o poder, mas, sim, como o centro de um círculo

24 Ibid, p. 140.

de responsabilidades. Noemi se refere a Boaz como "alguém que faz parte do nosso círculo de resgatadores" 2.20.²⁵ Ele sabia que a função do resgatador era

agir em favor das pessoas e de suas propriedades dentro do círculo da família maior; ... assumir a responsabilidade pelos desafortunados e permanecer como sustentador e defensor deles ... incorporar o princípio básico de cuidar dos que talvez fossem injustiçados pelos inescrupulosos ou, até mesmo, por aqueles que viviam de acordo com a letra da lei.²⁶

A história deu a Boaz a oportunidade de se colocar à altura do privilégio dessas responsabilidades, e ele aproveitou a probabilidade.

Há muito mais a apreender nesse relato aparentemente simples. A trama é complexa, repleta de inter-relacionamentos sutis e ênfases cuidadosamente elaboradas. Além de Noemi, em sua reclamação agressiva, de Rute e sua mansidão corajosa, e de Boaz, confiável e responsável, há o coro de melhores, o capataz da plantação, Órfã no capítulo 1 e o parente mais próximo do capítulo 4, que se limitou a cumprir suas obrigações, sem dar mais nem um passo. Todos esses também participaram da História porque, na verdade, qualquer um pode fazer parte dela. O pastor, por compreender a ampla história da redenção de Deus, frequentemente encontra-se em posição-chave para ajudar os outros a começarem, na situação e no lugar onde estão, a contar histórias que acabam sendo tão boas quanto a de Rute. Leituras repetidas desse livro,

²⁵ Ibid, p. 88.

²⁶ Ibid, p. 136.

no contexto maior da história teológica, revelarão nuances e percepções que sugerem várias formas em que o trabalho pastoral pode unir pessoas que falem sobre sua vida e acabem percebendo que são parte da história.

A GENEALOGIA

O livro de Rute é importante para os pastores porque fornece um local calmo e particular, distante do tropejar querigmático da adoração do Pentecostes, onde pessoas comuns podem aprender a contar suas próprias histórias de amor e salvação, de providência e bênção. Na elaboração das histórias, encontram-se lugar e tempo protegidos, longe dos picos das montanhas. Lá, o pastor oferece, a poucos de cada vez, a atenção e o interesse que os encorajarão a examinar dados aparentemente aleatórios de todos os dias, presentes na vida comum, e, a partir disso, descobrir a presença da graça e identificar o traçado da linha da redenção. Foi dito sobre Hasid, Levi-Yitzhak de Berdichev:

Os destituídos, ignorantes e desajustados o procuravam. A presença dele fazia com que se sentissem importantes. Ele lhes conferia aquilo de que mais precisavam: dignidade.²⁷

Mas, depois de fazer isso, o pastor precisa conduzir os personagens da história de volta à montanha, onde, com os redimidos, poderão compartilhar da maior alegria e da missão mais ampla do povo de Deus. Depois de "firmar as estacas", também é necessário "esticar as cordas" (Isaías 54.2).

27 Elie Wiesel, *Souls on Fire: Portraits and Legends of Hasidic Masters*, traduzido para o inglês por Marion Wiesel (Nova York: Vintage Books, 1973), p. 99.

À primeira vista, as palavras finais do livro de Rute podem parecer banais:

*... eles lhe deram o nome de Obede; que foi o pai de Jessé, pai de Davi. (4.17)*²⁸

Mais tarde, um apêndice foi acrescentado:

*Esta é a linhagem de Perez: Perez gerou Hezrom, Hezrom gerou Rao, Rao gerou Aminadabe, Aminadabe gerou Naassom, Naassom gerou Salmom, Salmom gerou Boaz, Boaz gerou Obede, Obede gerou Jessé e J esse gerou Davi, (4.18-22)*²⁹

Mas o que, a princípio, parece uma conclusão sem vida para uma história tão alegre, após alguma reflexão se mostra adequado. O que esses versículos fazem, de forma bem sucinta e lacônica, é inserir essa compreensão maravilhosa e íntima da salvação personalizada no quadro maior dos caminhos de Deus. O livro de Rute é, por ele mesmo, uma história, mas não faz parte do Evangelho se for lido isoladamente. Ele constitui um detalhe singular, brilhante, dentro da narrativa épica da salvação cósmica. A genealogia é uma ferramenta literária usada para estabelecer a transição de um exame microscópico da ação de Deus em um lugar específico, entre pessoas singulares, para uma visão telescópica do enorme alcance dos caminhos divinos. Faz isso sem chamar a atenção para si mesma e sem, de maneira alguma,

28 Campbell, p. 170.

29 Idem.

O Pastor Que Deus Usa

diminuir a intensidade, importância ou integridade da história. É como se a genealogia dissesse:

— Chegou o momento de voltar à adoração pública no Pentecostes, quando ouvimos e celebramos tudo que Deus já fez, o que fará e o que está fazendo em todos os outros lugares e pessoas.

A atividade preferida de Emily Dickinson para a guarda do Sabbath soa bem agradável:

Ficar em casa, tendo por corral um passarinho e por trono um pomar.³⁰

Se adotarmos, porém, esta prática, o resultado será presunção e sentimentalismo.

O apêndice genealógico de Rute é portanto altamente funcional, ao contrário de seu apêndice da medicina, que precisa ser extraído do corpo de tantas pessoas. O narrador que o acrescentou foi muito perspicaz quanto ao impacto que ele causaria.

As genealogias bíblicas, que tantos associam ao tédio, na verdade, documentam a parte mais empolgante da história, porque o Evangelho não se dirige a uma multidão sem rosto nem nome, mas, sim, a pessoas. A história da salvação é repleta de nomes. Por meio do nome, cada pessoa é identificada para ser amada, para desfrutar intimidade e ter responsabilidades. A predileção da Bíblia por genealogias não deriva de conservadorismo pedante, mas da busca por envolvimento pessoal, da procura de um lugar pessoal na teia de relacionamentos onde Deus dá forma à salvação.

30 Thomas H. Johnson, editor, *The Complete Poems of Emily Dickinson* (Boston: Little, Brown, and Co., 1960), p. 153.

George MacDonald, grande contador de histórias, sabia da importância dos nomes. Ao analisar Apocalipse 2.17 "Ao vencedor ... darei uma pedra branca com um novo nome nela inscrito, conhecido apenas por aquele que o recebe.", ele escreveu:

A entrega da Pedra Branca com o novo nome transmite à pessoa o que Deus pensa sobre ela. ... O verdadeiro nome expressa o caráter, a natureza, o significado de quem o carrega. ... Quem pode dar ao homem esse nome, o seu nome verdadeiro? Só Deus, porque só Ele vê o homem como ele é. ... Apenas depois que o homem se transforma em seu nome e portanto já entendeu o significado do que está escrito Deus lhe entrega a pedra com o nome gravado.³¹

Mateus 1, que apresenta a genealogia de Jesus, guarda semelhanças com Rute 4. Mateus vai contra as convenções, interrompendo a lista tradicional de nomes masculinos e inserindo quatro mulheres:

Tamar, Raabe, Rute e Bate-Seba. Todas tinham características que, a princípio, as desmereceriam para fazer parte da árvore genealógica do Messias. O grupo inclui estrangeiras, imorais e havia em cada uma delas características que as tornavam, de alguma forma, inadequadas para uma tarefa santa. Mesmo assim, ou talvez exatamente por isso, foram incluídas. A história da redenção é inovadora e incorporadora. A identidade da mãe não tem a menor importância. Qualquer um pode entrar na família. Qualquer história pessoal pode incorporar-se à história familiar. O propósito da genealogia é demonstrar o alcance infinito dos caminhos de Deus em Sua criação.

31 Citado por Peter Kreeft, *Zen Buddhism and Christianity: An Experiment in Comparative Religion*, *Journal of Ecumenical Studies* 8 (1971): 532.

O historiador hebreu contemporâneo Yehezkel Kaufmann fala de uma antiga tradição judaica:

A revelação de um messias traria em si também a revelação de informações genealógicas perdidas.³²

Isso é imensamente sugestivo para o pastorado. Ao conversar com as pessoas, o pastor não deve limitar-se a dar atenção ao nome por si só, para preencher um registro de identidade, mas para ajudá-las a reconhecerem que seus nomes estão incluídos na árvore genealógica da família. Embora todas sejam estrangeiras e sintam-se indignas, ainda assim elas participam do enredo. Cada nome está escrito na linhagem messiânica. A história completa é do Messias, o "Alfa e o Ômega [o começo e o fim], o que é, o que era e o que há de vir" (Apocalipse 1.8), mas cada pessoa participa dela. Mesmo que sua parte seja bem pequena, ninguém é destituído de interesse e significado.

Contar histórias não é sempre uma forma de buscar as origens?³³

Se tenho certeza de minha origem em Deus, sei também que meu futuro é certo nEle, e essa segurança fornece as condições que me encorajam a viver pela fé no presente. Se, através da história, consigo entender o que significa ser levado a sério e, pela genealogia, descubro que minha vida faz parte da história da salvação, posso viver em confiança. Depois que alguns

32 Veja W. F. Aibright e C. S. Mann, *Matthew*, Anchor Bible (Garden City, NY: Doubleday & Co., Inc., 1971), p. 2, notas.

33 Roland Barthes, *O Prazer do Texto* (Lisboa: Ed. 70, 1973).

dos detalhes de minha vida se ligam aos caminhos revelados da história da salvação, não preciso mais saber o significado de cada pequena coisa. Quando sei que sou parte de uma existência cujo significado é perceptível, não tenho mais de entender as minúcias de cada sentimento, gesto ou sofrimento. Se estou convencido de que existe uma história, não preciso conhecê-la por completo a todo momento. Resumindo: ao retirar Rute, Noemi e Boaz do cenário pastoral e lançá-los na história da salvação, a genealogia demonstra que não estamos diante de um conto de amor casual, mas de uma história de redenção que Deus vem escrevendo há muito tempo, e continuará a escrever no futuro. Todos aqueles cuja história se liga à de outras pessoas recebem ajuda para viverem pela fé. Não tenho mais de saber ou controlar tudo que me cerca para me convencer de que existem significado, coerência, propósito e alvo, pois, como escreveu C. S. Lewis,

Viajamos de costas para a locomotiva. Não temos a menor noção do ponto da jornada que alcançamos. ... Uma história é exatamente aquele tipo de coisa que não se entende antes de ouvir tudo.³⁴

Já que a genealogia mantém a ênfase no nome, enquanto focaliza a origem (que também implica destino) — se houve ancestrais, também haverá descendentes, ela evita que a história pessoal fique presa nela mesma. Por mais que Rute seja uma narrativa adorável e intrincada, não é a história completa, nem mesmo para os envolvidos. Quando as mulheres da vila oraram para que

34 C. S. Lewis, *Christian Reflectiam* (Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1967), p. 106.

O Pastor Que Deus Usa

Rute fosse "como Raquel e Lia", o pequeno mundo doméstico de Belém foi colocado na corrente central do esplendor teológico e histórico dos caminhos de Deus, proclamado e celebrando na pregação da aliança e na adoração.

O pastor, após colaborar com as pessoas na construção de sua história, leva-as de volta à proximidade do púlpito, da mesa da comunhão e da pia batismal, onde elas descobrem sua linhagem de fé, tendo Perez no passado e Davi (e Cristo!) à frente. A fé cristã só amadurece quando a compreendemos sob perspectivas mais amplas. Há muito mais no Evangelho do que a satisfação e o prazer pessoais: existe o grande empreendimento da Cruz. Lá no santuário, embora tudo continue sendo pessoal, nada fica confinado dentro das limitações das circunstâncias de uma única pessoa.

QUE SIGNIFICA ISSO?

Durante muitos séculos, fez parte das atribuições do pastor "preparar as pessoas para uma boa morte". Até hoje, esse seria um alvo bom para o trabalho pastoral. O verdadeiro absurdo não é a morte, mas a vida terrível que muitos têm. Quando os pastores ajudam as pessoas a contarem a história de sua vida, contribuem para que elas tenham uma percepção coerente delas mesmas. Essas pessoas tornam-se conscientes de que seus esforços e sua vida fazem sentido no ambiente real em que vivem no presente. Mesmo se viverem em Belém. Pastores que anseiam constantemente pelo que é comum estimulam apetite semelhante nos outros e os capacitam a encontrar significado nos lugares mais inesperados, a descobrir o drama por trás das portas de suas próprias casas e em sua vizinhança, e a perceber um vínculo com a salvação em seus pais e seus filhos.

A oração de Paul Goodman captura, tanto no estilo quanto no conteúdo, a "postura narrativa" que o pastor adquire quando aprende com o livro de Rute:

*Uma página após a outra eu vivi Teu mundo com uma postura narrativa, Senhor, com
minha voz conto Tua história. Desnecessário dizer, invejo*

*peças que, dramaticamente, representam as cenas de Tua peça. Mesmo assim, a
postura narrativa é para mim misère et grandeur.*

*É nosso costume
alguns de nós
insistirem em dizer como
é nossa opinião.³⁵*

Não há qualquer evidência de que o livro de Rute fosse lido na celebração anual do Pentecostes no primeiro século desta era. As primeiras referências a essa prática só apareceram no século 8. Mas, no dia do Pentecostes descrito em Atos 2, houve uma combinação semelhante do magnífico e do comum, que sabemos que apareceu na tradição pastoral judaica posterior, quando a história de Rute foi colocada ao lado da revelação do Sinai. Aquele Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu e transformou os adoradores reu-

35 Paul Goodman, *Little Prayers 0' Finite Experience* (Nova York: Harper & Row, 1972), P.112.

nidos na Igreja crista, foi tão esplêndido e dramático quanto tudo que aconteceu no Sinai. Mas o evento não foi apenas público e espantoso. Foi também íntimo e pessoal, pois os "estrangeiros" que estavam presentes (o texto apresenta 17 categorias) relataram que ouviram "declarar as maravilhas de Deus em nossa própria língua" Atos 2.11.

Quando as "maravilhas de Deus" (tema do Pentecostes) foram contadas "em nossa própria língua" (estilo de Rute), a Igreja veio à existência, uma comunidade de fé onde a "velha história" encontrou nova expressão nas histórias recentes de obediência, confiança, amor e bênção.

Ouvir uma história não significa vivê-la também?³⁶

36 Elie Wiesel, *The Gates of the Forest*, traduzido para o inglês por Francês Frenaye (Nova York, Avon Books, 1974), p. 206.

A Tarefa Pastoral de Compartilhar a Dor: Lamentações

O sofrimento prova não apenas que a criação abandonou Deus, mostra também a profundidade do ser. Se não houvesse sofrimento no mundo decaído e pecador, ele acabaria separado da existência. A profundidade do ser se revela no mundo por meio do sofrimento. O mistério da existência se revela na dor. ...O sofrimento é consequência e sinal do pecado e, ao mesmo tempo, redenção e libertação. E este o significado do sofrimento de Cristo na cruz. Isto está implícito em todas as ideias sobre um Deus que sofre. Por conseguinte, nossa atitude diante do sofrimento é complexa..

— Nicolas Berdyaev¹

Entre outras coisas, o trabalho pastoral é a decisão de lidar, nos termos mais íntimos e pessoais, com o sofrimento. Não significa que vamos tentar encontrar formas de minimizar a dor ou caminhos que a evitem. O interesse maior não é tentar explicar o sofrimento, nem procurar uma cura para ele. A tarefa do pastor é

¹ Nicolas Berdyaev, *The Destiny of Man* (Nova York: Harper & Row, 1960), p. 193.

O Pastor Que Deus Usa

envolver-se no sofrimento. É uma decisão consciente e deliberada de mergulhar na experiência dos que sofrem. Esta disposição tem sua origem e mantém sua integridade nos textos das Escrituras que dão forma ao ministério pastoral.

A revelação bíblica não explica nem elimina o sofrimento. Ao contrário: a Bíblia mostra Deus entrando na vida de dor da humanidade, aceitando e compartilhando do sofrimento. Não podemos ver as Escrituras como -um sermão feito por Deus, com o dedo apontado para os infelizes sofredores e dizendo:

— Eu falei: vocês fizeram isto e aquilo errado, agora vão pagar por seus erros.

Também não encontramos na Bíblia um programa criado por Deus para eliminar as dores por meio de um plano quinquenal (ou, para usar uma escala maior, pelas dispensações). Não se encontra um processo de diminuição do sofrimento ao percorrer a história, indo da escravidão no Egito para a peregrinação no deserto, à anarquia sem reis, daí para o cerco assírio, depois o cativo na Babilônia, a crucificação romana, e o holocausto sob Nero e Domiciano. O sofrimento sempre existiu e Deus sempre está onde existe alguém sofrendo.

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças (Isaiás 53.4)

O pastor que extrai suas definições e orientações da compreensão da forma como Deus age encontra no registro bíblico um quadro extremamente claro da reação do Senhor diante do sofrimento. Esses pastores usam o quadro bíblico como orientação

e perspectiva para responder ao sofrimento e percebem que sua tarefa inclui compartilhar as experiências dos outros com a dor.

Mas esta é uma tarefa difícil. Em especial porque existem alternativas aprovadas em nossa cultura, que os pastores podem adotar sem perder seu prestígio nem ser suspeitos de deixar de lado sua missão. Na verdade, quando estas alternativas são seguidas, há, em geral, aumento no prestígio do pastor dentro da comunidade e ele é objeto da crescente admiração de sua igreja. Essas opções são mais fáceis, esperadas e até encorajadas pelos que sofrem e quase sempre se mostram mais lucrativas. Trabalhamos em uma cultura caracterizada, em relação ao sofrimento, pelo que Philip Rieff chama de "triunfo da terapêutica".²

Se desejamos manter a reação bíblica em face das dificuldades humanas diante do sofrimento e das pressões culturais para nos desviarmos dele, teremos de nos alimentar continuamente na fonte. Será necessário avaliar constantemente as Escrituras para definir nossa posição com clareza e para estar sempre prontos para agir.

CONTEXTO

O livro de Lamentações é um documento importante, adequado para essa tarefa. Em 587 a.C., a cidade santa de Jerusalém caiu diante dos exércitos da Babilônia. Os líderes do povo e muitas pessoas comuns foram obrigados a caminhar 900 quilômetros até o exílio. Foi um desastre e o sofrimento atingiu um nível monumental:

Lamentações é a cerimônia fúnebre no enterro da cidade morta.

Não há como exagerar a intensidade e a complexidade do sofrimento decorrente da queda de Jerusalém. Perda total. Cadá-

² Philip Rieff, *The Triumph of the Therapeutic* (Nova York: Harper & Row, 1966).

veres amontoados por todos os lados. Canibalismo e sacrilégio — dois terrores gémeos atacando nas ruas da cidade destruída. O assassinato desesperado de crianças inocentes demonstrou a perda da esperança no valor humano, e os sacerdotes mortos evidenciaram o desaparecimento do respeito pela vontade divina. Tudo que pode acontecer de pior para o corpo e o espírito, para os indivíduos e a nação, aconteceu em Jerusalém: o ponto máximo do sofrimento.

*Olha, SENHOR, e considera:
A quem trataste dessa maneira?
Deverão as mulheres comer seus
próprios filhos,
que elas criaram com tanto amor?
Deverão os profetas e os sacerdotes
ser assassinados
no santuário do SENHOR?*

*Jovens e velhos espalham-se
em meio ao pó das ruas;
meus jovens e minhas virgens
caíram mortos à espada.
Tu os sacrificaste no dia da tua ira;
tu os mataste sem piedade.*

*Como se faz convocação
para um dia. de festa,
convocaste contra mim
terrores de todos os lados.
No dia da ira do SENHOR,*

*ninguém escapou nem sobreviveu;
aqueles dos quais eu cuidava
e que eu fiz crescer,
o meu inimigo destruiu.
(2.20-22)*

Israel manteve viva a experiência da queda de Jerusalém lembrando-a em um ato de adoração anual - o jejum do dia nove do mês Abe. O jejum utiliza rituais de penitência para interpretar o grande julgamento como um momento de humilhação e sofrimento de toda a nação. Aquele ato de adoração era um tempo para lembrar a experiência da desolação e refletir na realidade do julgamento divino. O jejum era querigmático ao proclamar com poder o julgamento de Deus: Ele leva o pecado a sério. Quando pecamos, temos de lidar não apenas com as consequências naturais (o sofrimento causado pelo exército da Babilônia), mas também com a ira divina (a indignação de Deus e nossa culpa). Todos os anos, no dia 9 do mês Abe, o evento era lembrado e a verdade proclamada. Dentro desse contexto, Lamentações orienta o ministério pastoral.

Lamentações, designado para ser lido no dia nove de Abe, funciona como um ministério pastoral. Ele trata do sofrimento de forma que o desespero que, em geral, acompanha a culpa seja dirigido para Deus e *não para longe* Dele. Com isto, impede o desenvolvimento de uma consciência escrupulosa demais, que tantas vezes resulta da preocupação compulsiva em agradar a Deus, enquanto que Ele não quer ser agradado. O sofrimento, por si só, não leva ninguém a um relacionamento mais profundo com Deus. O mais certo é que faça exatamente o contrário, desumanizando e tornando a pessoa cheia de amargura. Aquele que sofre pode interpretar

a experiência de forma errada, passando a acreditar que Deus o rejeitou, concluindo que, já que Ele odeia o pecado, odeia também o pecador. Toda religião que leva a sério o julgamento divino inclui como tarefa pastoral o entendimento da misericórdia de Deus e a demonstração, de maneira verossímil, de que o julgamento e a misericórdia são complementares, e não opostos.

É incumbência do pastor consolar sem evitar a realidade humana da culpa nem negar a realidade divina do julgamento. Não há lugar melhor para se aprender a fazer isto do que em Lamentações. No meio do sofrimento, esse livro volta a atenção para Deus, que ama seu povo. Assim, o julgamento não se torna impessoal, nem a culpa do povo uma neurose, nem os infortúnios algo vago. O texto dá atenção aos detalhes dos caminhos que o sofrimento percorre; leva muito a sério os sentimentos que derivam do julgamento. Depois, toma o sofrimento e os sentimentos e os molda, para que se transformem em uma resposta diante de Deus. Por isto, a dor se torna acessível à compaixão. Lamentações desenvolve a empatia pastoral que estimula um relacionamento de salvação com Deus, que nos cura, nos atrai — o Deus da cruz e da ressurreição.

FORMA

A forma do livro tem uma função, e o estilo literário é tão importante quanto o conteúdo. Os lamentos foram compostos em uma estrutura de acrósticos alfabéticos. Os cinco lamentos e o Salmo 119 são os acrósticos mais elaboradas de toda a Bíblia. Os quatro primeiros poemas percorrem todo o alfabeto hebraico. O quinto não, mas suas 22 linhas, número das letras desse alfabeto, sugerem mais um. No capítulo 3, o centro do livro, não apenas a primeira, mas as três linhas de cada estrofe começam com a mesma letra.

Não existe emoção mais espontânea e individual do que o sofrimento. Como, então, o acróstico, estrutura tão fixa, pode ser adequado para expressá-lo? Como essa forma pode servir às necessidades do lamento angustiado?

O uso mais comum do acróstico era facilitar a memorização. Porém, essa não pode ser a razão de sua utilização aqui, mas, sim, garantir que a tristeza e o desespero sejam manifestados por completo.³ O acróstico, com paciência e cuidado, avança pelas letras do alfabeto e cobre todo o terreno do sofrimento. Leva cada detalhe em consideração.

Uma das reações mais comuns diante da dor do outro é diminuí-la, dar-lhe cores mais brilhantes e tentar passar por cima dela. Tentamos acabar logo com ela, porque nos machuca também. Lamentações apresenta uma estrutura que impede que isto aconteça. Uma expressão talmúdica fala de observar a Tora de *aleph* a *tau*, ou, como diríamos, de A a Z.⁴ Lamentações presta atenção ao sofrimento e dá vida ao ditado. É importante estar atento a tudo que Deus diz, mas também é importante dar atenção a tudo que os homens e as mulheres sentem, especialmente quando estão tomados por dor e confusão.

A estrutura do acróstico visa a levar o sofrimento a sério. A repetição da sequência alfabética no livro enfatiza a paciência renovada para ouvir e prestar atenção aos que se lamentam. O texto repassa a história mais de uma vez: na verdade, cinco vezes.

O primeiro poema começa descrevendo os problemas de Sião vistos do lado de fora:

3 Norman K. Gottwaid, *Studies in the Book of Lamentations* (Londres: SCM Press, 1954), pp. 23 e seguintes.

4 Norman Gottwaid, em *Interpreter's Dictionary of the Bible*, editor George Arthur Buttrick (Nashville: Abingdon, 1962), vol. 3, p. 61.

*Como está deserta a cidade,
antes tão cheia de gente!*

(1.1)

Termina declarando o sentimento de quem está dentro do problema:

*Vocês não se comovem,
todos vocês que passam por aqui!
Olhem ao redor e vejam
se há sofrimento maior do que
o que me foi imposto.*

(1.12)

O grito evolui do consolo solidário para a empatia com a dor. O segundo capítulo estende o limite do sofrimento até a esfera da ira divina. Não há emoção mais desagradável nem mais difícil de enfrentar do que a ira. E, quando quem está irado é Deus, a situação é muito mais difícil. O padrão de acróstico mantém a postura de atenção: o impensável foi esquematizado. O desejo de encobrir, evitar, eufemizar, tudo isto foi deixado de lado, e a ira divina e suas consequências na cidade destruída são enfrentadas:

*O SENHOR cobriu a cidade de Sião
com a nuvem de sua ira!*

(2.1)

*O SENHOR é como um inimigo;
ele tem devorado Israel.*

A Tarefa Pastoral de Compartilhar a Dor: Lamentações

Tem devorado todos os seus palácios e destruído as suas fortalezas. Tem feito multiplicar os prantos e as lamentações da filha de Judá. (2.5)

O terceiro capítulo intensifica o acróstico, pois cada uma das três linhas de cada estrofe começa com a mesma letra.

... de repente, no terceiro lugar surge um homem! Por fim, um indivíduo capaz de lamentar de verdade, com profundidade, o que vivenciara. Isto resulta em uma expressão de desespero - a terceira, a mais profunda.⁵

É o lamento mais pessoal, e demonstra profunda individualização:

Eu sou o homem que viu a aflição trazida pela vara da sua ira. (3.1)

Antes, o lamento foi conduzido do lado de fora, pela observação dos fatos. Agora passou para dentro. A primeira pessoa, singular, é no capítulo, exceto em um breve trecho em que aparece o plural, nos versos 40-47 ("Examinemos e coloquemos à prova os nossos caminhos..."). Após algumas sentenças, retoma-se a primeira pessoa singular (versículo 48 - "Rios de lágrimas correm dos

⁵ Citado por Deibert R. Hillers, de H. Ewald, *Lamentations*, The Anchor Bible (Garden City, NY: Doubleday & Co., 1972), p. 64.

meus olhos...") que enfatiza a emoção individual do sofrimento concentrado.

O capítulo 4 ameniza a intensidade da emoção do poema anterior e volta à terceira pessoa. "O tom se torna mais prático." ⁶ A mudança de ritmo é oportuna. O fôlego humano não consegue sustentar a intensidade do capítulo 3. O acróstico continua a explorar o sofrimento, mas agora a distância.

Como o ouro perdeu o brilho!
Como o ouro fino ficou embaçado!
As pedras sagradas estão espalhadas
pelas esquinas de todas as ruas.
(4.1)

As imagens começam a se repetir. As metáforas assumem um aspecto familiar. Imagens de punição, doença, guerra, prisão e bestas selvagens expressam a complexidade e o terror do sofrimento. Dar um nome à dor é um dos primeiros passos para a cura. As metáforas colocam alças no sofrimento, de forma que se torna possível pegá-lo e entregá-lo a Deus.

A emoção que envolve o sofrimento deixa de causar dor assim que formamos um quadro claro e preciso dela.⁷

O quinto capítulo é uma oração. Antes, algumas preces haviam-se intrometido nos lamentos, mas não se prolongaram.

⁶ Idem, p. 86.

⁷ Citado por Viktor E. Frankl, *Man's Search for Meaning* (Nova York: Simon and Schuster, 1962), p. 74.

O último lamento coloca toda a situação diante de Deus. Difere dos anteriores sob três aspectos: é mais curto - apenas 22 linhas;

não é um acróstico completo, as sequências de a, b, c foram abandonadas — mas mesmo aqui aparece a influência desta forma de composição, já que existem 22 linhas, o mesmo número de letras do alfabeto hebraico; por fim, deixa de lado a métrica quántupla, de grande carga emocional, e adota uma batida de três em três, como a oração comum.

O fim das possibilidades humanas pressupõe claramente as possibilidades de Deus.⁸

O acróstico funciona assim: organiza o sofrimento, percorre com paciência todo o terreno, passo a passo, insistindo no significado de cada detalhe. Ele classifica a dor: define e materializa. Ao ser colocado na estrutura do acróstico, o sofrimento deixa de controlar e de ser uma obsessão. O ritmo rude da métrica quántupla expressa a anarquia interior e, com paciência, a organiza, de forma que tudo se transforme em uma obra de arte. Edweena, em *Theophilus North*, do escritor Thornton Wilder, diz:

Os erros que cometemos não nos ferem ... quando entendemos cada centímetro do terreno.⁹

A forma do livro de Lamentações demonstra um estilo pastoral que desenvolve empáfia, ao mesmo tempo que insiste no final da dor:

⁸ Kari Barth, *The Epistle to the Romans* (Londres: Oxford University Press, 1960), p. 414.

⁹ Thornton Wilder, *Theophilus North* (Nova York: Harper & Row, 1973), p. 343.

o choro pode persistir uma noite [uma semana, ou seis meses], mas de manhã, irrompe a alegria. (Salmo 30.5)

O acróstico assegura que nada ficará de fora, mas ao mesmo tempo estabelece limites para as repetições. Se o mal tem início, também terá um fim. Só existem 22 letras no alfabeto hebraico. Depois de usar todas, pode voltar-se ao início e começar tudo de novo. Após, porém, percorrer todas as letras algumas vezes, começa-se a perceber que o terreno já foi todo explorado. A tristeza e o sofrimento têm um fim. Qualquer desconforto, doença, ferida ou perda mais sérios parecem, no momento do impacto, infundáveis. Mas, na verdade, não são. Existem duas alternativas: cura ou morte. Chega um momento em que termina a vida, ou então é o sofrimento que acaba. O sentimento subjetivo de que o sofrimento não tem fim é, de fato, falso. Mas como se pode comunicar isto? Não adianta nada dizer à pessoa ferida que ela estará melhor amanhã, ou que, se conseguir suportar tempo suficiente, tudo vai dar certo. Colocando o sofrimento na forma de acrósticos, *Lamentações* fornece um caminho para lidarmos com essa sensação de que a dor não terminará jamais. Há um esquema alfabético, que pode ser contado: assim, quando você está no A, sabe que, embora distante, o Z está à sua frente e que ali a progressão terá fim. A estrutura do livro apresenta um contexto limitado para o sofrimento. Comunica a sensação de finitude por via indireta, não verbal. *Fluant lacrimae, sed eadem et desinantí*— Que as lágrimas corram, mas que também cessem!

Existem maneiras diferentes para os pastores fazerem isto. O simples ato de marcar um horário para voltar e ouvir de novo a história da tragédia ou da tristeza, ou de qualquer que seja o problema, estabelece limites para o sofrimento. A ordem começa

a se infiltrar no caos nesse ato bem prosaico de marcar um horário daqui a três dias, ou uma semana. O compromisso anotado na agenda coloca sequência na confusão de uma vida arruinada. A repetição dos momentos em que se percorre o terreno uma vez após outra molda a cura. Assim como o conteúdo do que se diz, a estrutura é importante ("o meio é a mensagem").

O acróstico também serve ao pastor por comunicar a percepção da existência de um ponto final para o sofrimento. Há motivos para, na primeira vez, ouvir as pessoas durante o tempo que quiserem falar. Mas só na primeira vez. Depois, as conversas devem ser limitadas a um tempo combinado previamente. O motivo para isto não se relaciona às muitas tarefas do pastor, mas, sim, à necessidade de se colocarem limites na tristeza.

Não há, em Lamentações, qualquer dúvida sobre levar o sofrimento a sério. Cada aspecto é tratado. Todas as linhas da dor são traçadas detalhadamente. Mas chega um momento em que o livro diz: "Basta". O mal não é inesgotável. Ele tem um fim. Não merece a atenção de toda uma vida.

Descobrir o momento exato é importante. Se o pastor propõe colocar o ponto final cedo demais, as pessoas acham que ele não levou o sofrimento a sério e não deu importância aos seus sentimentos. Mas, se o fim demora demais, o pastor se torna um acessório para reações neuróticas, um ajuste imperfeito à vida, e isto atrapalha a cura.

Para alguns, a doença é uma forma de se sentirem importantes.

10 W. H. Auden, *The Art of Healing*, em E. Mendelson, editor, *Collected Poems* (Nova York: Random House, 1976), p. 626.

Este discernimento pastoral é essencial para encarar o mal com seriedade e mantê-lo sob controle. Os temas bíblicos relativos à ordenação do caos se repetem em Gênesis, Jó, Salmos e Isaías. Raabe (ou Tiamat), o monstro babilônico, lança-se pêlos céus e depois agita as profundezas dos oceanos, mas por fim é colocado em seu devido lugar: acorrentado (Apocalipse 20.1-3). Reconhece-se o mal e ele é enfrentado, mas não se permite que ele se transforme em uma obsessão. Existe um fim para a preocupação. O ministério sobre o sofredor precisa definir qual é a importância do objeto que causa o sofrimento: não se pode, de forma alguma, consentir que o mal tenha a palavra final.

HISTÓRIA

Lamentações é um documento tão repleto de emoção intensas que é notável (e importante) observar que em todos os momentos ele se mantém em contato com a história. Não há, em toda a Bíblia, texto mais cheio de sentimentos do que Lamentações, mas todos estes sentimentos podem ser ligados a fatos reais.

A ligação entre os poemas de Lamentações e os eventos do ano 587 a.C. é bem clara."

O sofrimento não é um pesadelo surrealista. Ele provém de matéria que pode ser apresentada em prosa sensata e discutida por pessoas comuns. Os problemas acontecem em tempo e local passíveis de identificação.

¹¹ Peter R. Ackroyd, *Exile and Restoration: A Study of Hebrew Thought of the Sixth Century B. C.* (Philadelphia: Westminster Press, 1975), p. 45).

Em Lamentações, os sentimentos são intensos, mas os fatos são firmes. Cada emoção se liga a um fato, o que significa que não se permite que a dor seja simples sentimento. A angústia nunca tem existência autônoma. Norman Gottwaid documentou, cuidadosamente, 11 episódios históricos descritos em 2 Reis 25 sobre a queda de Jerusalém que também podem ser identificados em Lamentações. Os lamentos nunca se afastam da realidade apresentada em 2 Reis 25:

o cerco; a penúria; a fuga do rei; o saque do Templo; o incêndio no Templo, no palácio e em outros edifícios importantes; a demolição dos muros da cidade; o assassinato dos líderes; o exílio dos habitantes da cidade; a expectativa e a decepção quanto à ajuda externa; os imprevisíveis aliados políticos de Judá e o estado precário da nação.¹²

A função, porém, de 2 Reis 25 com relação a Lamentações é localizar e não explicar o sofrimento, pois, se ele for separado dos dados históricos, acaba-se dilatando, preenchendo, como o gás, todos os espaços.

Nomes, lugares, prédios e datas são formas de amarrar o sofrimento e colocá-lo dentro da estrutura histórica. A dor toma seu lugar como um entre vários elementos. Ela não é tudo, não é o mundo inteiro, nem a história completa. Não há sofrimento maior do que o que se seguiu à queda de Jerusalém. Ainda assim, a sequência de eventos, que engloba 11 itens, durou só um ano. É óbvio que as consequências extrapolam o ano civil, mas não se prolongam infinitamente. Séculos de história antecederam a queda de Jerusalém, e muitos outros vieram depois. No passado, estavam Abraão e Moisés. No futuro, o Messias. Lamentações é um evento histórico e não uma situação cósmica.

¹² Gottwaid, *Interpreter's Dictionary of the Bible*, vol. 3, p. 62.

Quando um pastor encontra alguém em dificuldades, sua primeira obrigação é penetrar na dor e compartilhar o sofrimento. Mais adiante, a tarefa se desenvolverá no sentido de afastar as ruínas emocionais e deixar à vista os fundamentos históricos: todo sofrimento é provocado por alguma coisa. Há um evento específico por trás de um ato de dor - palavra de desprezo que magoou, injustiça que feriu, morte que identifica com precisão o momento da perda, documento de divórcio que confere *status* legal à rejeição. O sofrimento explode e a dor se espalha como os estilhaços de uma granada. No momento, a perda parece total, mas, pouco a pouco, torna-se possível reconhecer e tocar muitas coisas, pessoas e áreas que continuam seguras e estáveis: descobrir a fraqueza, admitir a culpa, aceitar a responsabilidade, agradecer pela sobrevivência. Mas, se deixamos de manter um ponto de apoio, o sofrimento, assim como um balão de gás, tira-nos do chão, e vagamos pelo ar, sem direção, à mercê das correntes de ar emocional e das pressões barométricas hormonais. A dor desprovida de lastro emocional se transforma em ansiedade e, por fim, em doença mental ou amargura emocional. A história é necessária não para explicar, mas para ancorar.

O motivo para se expor a base histórica em Lamentações e insistir em apresentá-la em cada instância de sofrimento individual está no fato de que a libertação (pela qual o sofredor espera e o pastor ora) é sempre, e em qualquer tempo, um fenômeno histórico. Nunca acontece fora da história, em transes místicos ou iluminação gnóstica. Todo querigma é histórico: o êxodo do Egito, a teofania no Sinai, a conquista de Canaa, a entronização em Siao, o nascimento em Belém, a crucificação no Calvário, a tumba vazia, as línguas no Pentecostes. Se separarmos o sofrimento da história, será difícil ouvir a mensagem querigmática. A Bíblia deduz a redenção a partir do êxodo acontecido em 1250 a.C. e

não de um mito de inocência primitiva. Também não se refere ao julgamento como um holocausto apocalíptico, mas aceita-o na queda de Jerusalém em 587 a.C. Disto resulta que os atos misericordiosos de Deus podem ser descobertos nos dois eventos e permeiam o cotidiano de seu povo.

De fato, há um sentido em que as pessoas sofrem simplesmente em decorrência da sua condição humana. Há quem diga: "O homem nasce para enfrentar problemas, assim como as faíscas de uma fogueira sobem no ar". A queda de Adão e Eva resultou em feridas e danos que continuam a afligir seus descendentes. Mas, em situações específicas de sofrimento - morte, depressão, separação, rejeição -, é possível desenvolver a percepção da história real, local e pessoal. Em Lamentações, o fato por trás dos lamentos é a queda de Jerusalém, não a de Adão. Não foi a condição decaída de toda a humanidade que causou o choro. Foi o cerco, a penúria, os estupros e os assassinatos específicos da invasão babilônica. Separado da história, o sofrimento cresce de forma desproporcional às suas causas. Longe dos eventos, a dor desenvolve excentricidades intelectuais (questionamento dos filósofos da dor) ou problemas emocionais, na forma de psicoses "fora do alcance". Problema isolado da história se transforma em auto-indulgência. Qualquer sentimento doloroso, separado de seu ambiente, perde o contato com a realidade e desenvolve todos os sintomas de distúrbio emocional ou decadência estética.

Assim, observar que a poesia de Lamentações revolve constantemente a história é útil ao pastorado. Von Rad escreveu:

Ora, a poesia, principalmente nos povos antigos, era muito mais do que um jogo estético, pois nela se expressava a vontade

insaciável de conhecer mais profundamente os dados históricos e naturais do mundo ambiente.¹³

A percepção de Von Rad se aplica por completo a Lamentações: aqui não encontramos sofredores "se expressando", transformando em arte uma experiência horrível. Os lamentos são uma busca das raízes de redenção em meio à devastação do julgamento.

A imersão pastoral nas linhas repletas de história de Lamentações constitui uma defesa e uma proteção contra terapias que negam a história e são colocadas à disposição do pastor. O "grito primai" de Janov é um exemplo claro dessas, digamos assim, terapias. Janov e seus inúmeros seguidores fornecem o ambiente e o encorajamento para que o sofredor dê vazão às camadas acumuladas de ira, ressentimento e mágoa. Emoções dionisíacas explodem como trovões e relâmpagos em uma tempestade de verão. Depois, o sol volta a brilhar e os pássaros cantam. A prática resulta em um sentimento maravilhoso de bem-estar. Há catarse. Mas não há cura — não pode haver, pois ninguém deu atenção nem respeitou os fatos relacionados ao sofrimento: lugares, nomes e datas. Um amigo meu, vencido pelos problemas pessoais, conjugais e vocacionais, passou a ir a Nova York para gritar durante os finais de semana. Os resultados foram maravilhosos, e duravam de dois a sete dias. Um dia eu lhe disse:

- Por que você não se fecha em um quarto com Lamentações e Isaías 53 durante o final de semana?

Ele me olhou, sem entender o que eu queria dizer.

Isto, porém, teria sido muito mais saudável e atacaria a situação com muito mais precisão. Não há forma melhor de evocar e enfrentar

13 Gerhard von Rad, *Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1973), vol. I, p. 117.

as emoções no sofrimento do que Lamentações. O texto apresenta e expressa cada sentimento feio, difícil e doloroso, com poder catártico. Mas também há história pessoal. Cada linha de Lamentações pode ser ligada a 2 Reis 25. Aceita-se aquilo que é comum na vida:

lugares, datas, eventos e decisões. O texto grita sua dor nas mesmas condições em que Deus opera sua salvação — "sob Pôncio Pilatos" e "no terceiro dia". Se separarmos a poesia da prosa do sofrimento, a primeira será arrancada do lugar onde Deus realiza sua obra e se transformará em mero impulso emotivo, estetismo jogado fora.

Quando o pastor pergunta o que aconteceu (depois de ter perguntado como a pessoa se sente), seu objetivo não é minimizar o sofrimento, nem colocar "as coisas em perspectiva". Em lugar disto, ele deseja ligar a dor à realidade e abrir caminho para a ação da graça que opera, como aprendemos nos registros bíblicos, na história. Além de participar da dor, o pastor estabelece conexões com as realidades cotidianas do que aconteceu, combinando a empatia e a confrontação, a compaixão e o testemunho.

IRA

Se em um nível Lamentações é uma imersão no sofrimento humano, em outro é um encontro com a ira de Deus. O livro se refere à ira divina várias vezes durante os lamentos, e não manifesta apologia nem autocompaixão (1.12; 2.1-3, 6, 21, 22; 3.1, 43, 66; 4.11; 5.22).

A riqueza e a variedade do vocabulário do Antigo Testamento para ira já foi muitas vezes enfatizada, e este livro utiliza todo o leque de expressões.¹⁴

HWesleyJ.Fuerst, *The Cambridge Bible Commentary: The BooksofRuth, Esther, Ecclesiastes, TheSong ofSongs, Lamentations: The Five Scrolls* (Cambridge: Cambridge University Press, 1975), p. 45.

A grande eficácia de Lamentações no ministério na área do sofrimento se deve à resolução de lidar com a ira de Deus que permeia todo o livro.

Uma das formas mais comuns de encarar o sofrimento aparece em frases prontas, como "As coisas são assim mesmo", ou "Isso iria acontecer". Este tipo de pensamento atribui à dor uma base impessoal. Pressupõe que forças brutas, estúpidas e demoníacas invadem a vida, que não há como prever nada e que tudo é irracional e imprevisível, Mas os problemas existem e é necessário lidar com eles. Lamentações apresenta a essência bíblica: quando sofremos, vivemos uma experiência intensamente pessoal: a ira de Deus. Usar "ira" para descrever algo em Deus significa que estamos diante de alguma coisa que compreendemos a partir de nossa própria experiência. Mas, ao mesmo tempo que isto leva a uma compreensão profunda e esperançosa do sofrimento, abre a porta para mal-entendidos.

Quanto a esses mal-entendidos, nossa experiência com frequência envolve neuroses. É muito raro encontrar a ira saudável e madura. Poucas vezes ela resulta de amor sincero ou de justiça ofendida. Mais comum é vermos irritação banal, ataques de cólera, um temperamento mesquinho se manifestando quando não consegue tudo do jeito que quer.

Mas, mesmo entre os mortais, há momentos em que a ira é majestosa e correia: um derramar de preocupação moral, uma reação apaixonada, afeto. Embora dificilmente nos sintamos confortáveis diante dessas manifestações, sabemos que estamos lidando com o que é pessoal, intencional, justo e livre.

A predileção dos hebreus para usar a ira para descrever um aspecto de Deus deriva desse entendimento. A ira de Deus, para eles, era sempre evidência de Sua atenção:

A atenção de Deus é o pré-requisito e a fonte de sua ira. O motivo dela se voltar contra o homem reside no fato de Ele se importar com sua criação.¹⁵

[Deus] se ... move e é afetado pelo que acontece no mundo, e reage de acordo com a situação. Os eventos e os atos humanos provocam nele alegria ou tristeza, prazer ou ira. Ele não julga o mundo a distância. Reage de maneira íntima e subjetiva e, assim, determina o valor dos eventos.¹⁶

Há quem prefira ignorar todas as referências bíblicas à ira de Deus. Eles não sabem o que estão fazendo. Não pensaram nas consequências dessas "melhorias". No momento em que a ira é eliminada, o sofrimento se torna impessoal, pois a ira insiste no aspecto pessoal: ela é a antítese de um destino impessoal ou de uma lei abstrata.

Apreciamos muito, em nossa cultura tecnológica, as analogias mecânicas e as abstrações impessoais. C. S. Lewis, a pessoa que mais pensou sobre esses assuntos no século 20, escreveu que nossa tentativa de explicar o sofrimento adotando a ideia de que brincamos com um "fio desencapado" em lugar de saber que enfurecemos nosso Rei é a pior das tolices. Trocar hierarquias pessoais por analogias impessoais e mecânicas é uma perda de tempo.

O que você acha que ganhou ao colocar a imagem do fio desencapado no lugar do quadro da majestade irada? Você nos deixou presos no desespero, já que um rei enfurecido pode perdoar e a eletricidade não.¹⁷

15 Abraham J. Heschel, *The Prophets* (Nova York: Harper & Row, 1962), p. 283.

16 Idem, p. 224.

17 C. S. Lewis, *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer* (Nova York: Harcourt Brace & World, 1964), p. 96.

O Pastor Que Deus Usa Kari Barth dá testemunho semelhante:

... sempre que o homem compreende que sua miséria foi preparada para ele por Deus e que sua culpa decorre de ação errada contra Ele e quando, em consequência disto, não há outra esperança a não ser Deus - então se abriu diante dele uma possibilidade que jamais se fechará.¹⁸

As últimas declarações de Lamentações são claras e diretas:

*... a não ser que já nos tenhas rejeitado
completamente
e a tua ira contra nós
não tenha limite!
(5.22)*

Mas esta ira é tratada no relacionamento mais pessoal possível, a oração, o melhor resultado do sofrimento. A oração não ameniza a ira de Deus com sentimentos nem a ridiculiza com cinismo, mas aceita como uma alavanca para abrir a porta da redenção. Ao orar, o sofredor não pede a Deus que tenha uma boa opinião sobre si, mas implora que Ele realize a redenção e produza "fruto que mostre o arrependimento" por intermédio de Jesus Cristo, que sofreu e morreu por todos.

Se entendermos o sofrimento como impessoal ou abstrato, ele nos remeterá aos filósofos, em busca de uma "metafísica do mal", aos teólogos para encontrar uma teodicéia, ou aos psicólogos na procura de um diagrama do inconsciente. Mas, se enxergarmos

¹⁸ Barth, *Romans*, pp. 419 e 420.

o sofrimento sob a ótica da ira de Deus, ele trará compreensão e libertação para discernir o que significa ser uma pessoa de fé responsável. Isto acontece claramente em Lamentações. Aquilo que muitos supunham, nos tempos de prosperidade, ser pequenos delitos inofensivos, durante a desolação da queda de Jerusalém passou a ser considerado pecado grave. Os chacais que perambulavam pelos corredores destruídos do Templo de Siao (5.18) constituem evidência de um grande mal que se insinuou em silêncio e com discrição na vida do povo de Deus. A visão dos pecados escondidos durante décadas nos corações, que agora aparecia nas ruas, provoca o arrependimento:

Ai de nós, porque temos pecado. (5.16)

A dor é um sinal de que Deus se lembra de nós, pois seria muito pior se fôssemos deixados em uma solidão assustadora. P. T. Forsyth aconselhou:

Sejam gratos a Deus porque Ele se importa tanto com vocês que chega a ficar irado.¹⁹

A ira utiliza a matéria do sofrimento para intensificar o relacionamento de amor. Ela rompe a indiferença, esmaga a apatia, confunde as abstrações, afirma que Deus se relaciona individualmente com pessoas livres, capazes de se elevar acima do desespero e de chegar ao arrependimento, à fé e à esperança. Em hebraico, as

¹⁹ Harry Escott, editor, *The Cure of Souls: An Anthology of P. T. Forsyth's Practical Writings* (Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1971), p. 113.

palavras "inimigo" e "amante" diferem em apenas uma letra (*'ahb, 'ayh*). Só uma consoante separa Lamentações 1.5, "seus inimigos prosperam (RA)", do Salmo 122.6, "sejam prósperos os que te amam (RA)".

O conceito da ira de Deus confere uma qualidade heurística ao sofrimento: há estímulo para descobrir o que há de pessoal, de cuidado e de compaixão em Deus. Abraham Heschel se expressou com entusiasmo sobre esse assunto:

A agonia é o teste definitivo. Quando toda esperança foi lançada por terra e toda vaidade despedaçada, o homem começa a sentir falta daquilo que vinha desprezando há muito tempo. Na escuridão, Deus fica perto e claro. "Passarão pela terra duramente oprimidos e famintos; e será que, quando tiverem fome, enfurecendo-se, amaldiçoarão ao seu rei e ao seu Deus, olhando para cima. Olharão para a terra, e eis aí angústia, escuridão e sombras de ansiedade, e serão lançados para densas trevas. Mas para a terra que estava aflita não continuará a obscuridade. ... O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz." (Isaías 8.21-9.2, RA)

Quando todas as pretensões são abandonadas, começa-se a sentir a carga da culpa. É mais fácil voltar de um local distante do que se afastar da complacência de uma boa consciência, da proximidade espúria.²⁰

O pastor, em face da posição de liderança que ocupa na comunidade de adoração, é o "correlativo visível" do Deus conhecido

²⁰ Heschel, p. 193.

A Tarefa Pastoral de Compartilhar a Dor: Lamentações

através da história como Redentor. Assim, a participação do pastor no sofrimento, por meio de atos de visitaçao e aconselhamento, torna-se uma referência, pela qual a pessoa transforma o que, aos seus sentimentos, parece absurdo, naquilo que é proclamado como significativo.

A observação mais importante que surge de um exame das referências bíblicas à ira de Deus é a seguinte:

A ligação consistente de nomes para a ira com Javé, o Deus da aliança, tem significado teológico importantíssimo. Mostra que o pensamento da ira se relaciona intimamente com a crença na aliança.²¹

Este foi o fator novo em Israel, que contrastava com os conceitos que o povo de Deus tinha em comum com os povos da antiguidade. Estabelecido e defendido pela experiência no Sinai, todo o relacionamento de Deus com seu povo passou a ser visto nos termos do cumprimento da aliança e, portanto, a experiência com a ira divina se relacionava à violação dessa mesma aliança. A ira de Deus não é imprevisível nem arbitrária: surge dentro de uma estrutura claramente definida e bem conhecida. Contava-se sempre a história da salvação. Os caminhos da aliança eram repassados em hinos e rituais.

Não pode nunca haver a suposição de um capricho despótico que atinja todos em um furor cego.²²

²¹ *Theological Dictionary of the New Testament*, volume 5, p. 396.

²² Walther Eichrodt, *Theology of the Old Testament*, traduzido para o inglês por J. A. Baker (Philadelphia: Westminster Press, 1961), volume I, p. 265.

O Pastor Que Deus Usa

O povo, mesmo nas situações mais desesperadoras, entende Deus, com a ajuda de pastores semelhantes aos representados em Lamentações, sob a perspectiva da aliança, e não se engana pensando nEle como uma força irracional e demoníaca.

Algumas vezes, usamos uma expressão para acalmar alguém que se ofende com facilidade:

— Isto não é pessoal.

O ministério pastoral traz outra mensagem, ou seja:

- Tudo é pessoal.

O sofrimento é a intensificação do que é pessoal e, neste caso, o pastorado tem dupla importância. Primeiro, fornece o contexto em que se vivência o sofrimento sobre o pano de fundo de uma salvação majestosa. O pastor tece uma tapeçaria com os fios *raham ve-hannun*, "compassivo e misericordioso" (Êxodo 34.6, Salmo 86.15, 103.8), ou *hannun ve-raham* (Joel 2.13, Jonas 4.2, Salmo 111.4, 112.2, 116.5, 145.8, Neemias 9.17, 31.2 Crônicas 30.9). Na Bíblia, há qualidades que nunca se separam do conceito de Deus. Sua ira passa. Seu amor dura para sempre.

Com amor eterno eu te amei; por isto, com benignidade te atraí. (Jeremias 31.3, RA)

Eu me casarei com você para sempre ... com amor e compaixão. (Oséias 2.19)

Muitas e muitas vezes a Bíblia nos repete que o amor e a bondade de Deus (*hesed*) duram para sempre (Jeremias 33.11, Salmo 100.5, 106.1, 107.1, 118.1-4, 136. 1-26. Esdras 3.11). Mas não nos diz o mesmo sobre sua ira nenhuma vez.

Em segundo lugar, após demonstrar um relacionamento pessoal com o Deus da aliança, compassivo e misericordioso, o trabalho pastoral passa a fornecer um companheirismo imediato. Os pastores acompanham as pessoas nos encontros com a ira de Deus e no relacionamento com ela, na aceitação da dor na submissão às suas influências ao evocar o arrependimento, se necessário, com fé, sempre. O companheirismo assegura a continuidade do cuidado de Deus e convence o sofredor de que a ira não é uma explosão emocional nem um acesso irracional, mas, sim, um aspecto de seu cuidado constante. O pastor se une ao sofredor, compartilha a experiência com a ira de Deus, penetra na dor, na ferida, na sensação de irrealidade, na descida às profundezas. As tarefas pastorais não incluem aliviar o sofrimento, minimizá-lo, nem mitigá-lo, mas, sim, compartilhar dele, segundo o exemplo de nosso Senhor, o Messias:

Certamente ele tomou sobre si
as nossas enfermidades
e sobre si levou as nossas doenças.
(Isaías 53.4)

Assim, o pastor ajuda a pessoa a aumentar a capacidade de suportar o sofrimento, capacita-a a "apoiar-se na dor",²³ a "romper o véu que está entre a vida e a dor".²⁴

O ministério entre os que sofrem sai prejudicado quando o pastor evita encarar a dor. Se ele substitui o companheirismo através do "vale da sombra e da morte" por banalidades superficiais,

23 Ouvi essa frase de Kari Oissen, mas não sei se foi publicada em alguma obra.

24 Heschel, p. 179.

pode muito bem ser acusado de covarde. Escrever frases alegres nas pedras do vale das sombras não substitui andar com quem precisa percorrer a escuridão. Veja como John Updike descreveu Rabbit Angstrom, seu famoso homem comum:

Harry não gosta do aspecto sombrio, confuso e visceral do cristianismo, o seu aspecto de simples transição, a passagem pela morte e pelo sofrimento que redimem e invertem essas coisas como um guarda-sol que se abrisse ao contrário. Não tem a vontade atenta de seguir a linha reta de um paradoxo. Os seus olhos procuram, porém, qualquer luz que lhe chegue
as retinas. 25

O evangelho que ousa colocar a cruz de Cristo no centro de sua mensagem também aceita corajosamente a cruz do discipulado como parte de sua rotina cotidiana. As dificuldades e o sofrimento não são problemas para os quais o Evangelho apresenta uma porta de saída, mas fazem parte de uma realidade que os cristãos vivenciam e onde compartilham a fé e encoraja uns aos outros em esperança. O trabalho pastoral articula e exhibe esse apoio mútuo.

O pastorado no sofrimento assemelha-se à luta de Jacó com o anjo em Peniel:

— Não permitirei que você parta até que me diga qual é o seu nome.

Os pastores lutam corpo a corpo com os assaltantes das trevas e exigem que eles declarem seu significado. Quando amanheceu, embora mancasse, Jacó caminhava cheio de propósito, significado

25 John Updike, *Corre, Coelho* (São Paulo: Nova Cultural, 1960), p. 258.

e integridade. Um curador ferido.²⁶ A noite em Peniel colocou lado a lado o desespero diante de Deus e a confiança nEle. Com o amanhecer, veio também a bênção.

DIGNIDADE

Não há nada que exponha com mais clareza o contraste entre o trabalho pastoral e a tradição humanista do que as respostas ao sofrimento. O humanismo moderno vê a dor como uma deficiência — em geral, por meio de analogia com as doenças. Alguma coisa está errada, e um terapeuta é chamado para consertar. Parte disto é apenas moderno: o tipo de coisa a que Ivan Ulich objeta quando alega que há um mito americano que refuta o sofrimento e a sensação de dor. Agimos como se eles não deveriam existir, e por isto desvalorizamos a experiência do sofrimento. Mas esse mito nega nosso encontro com a realidade.²⁷ O caminho é encontrar a causa do sofrimento para acabar com ele, seja pela psicanálise, mudança de ambiente ou reforma político-social. Assim, a dor não tem valor nem significado, não passa de um sinal de que algo saiu errado e desafia a humanidade a consertar tudo pela boa vontade e da inocência.

O impacto do movimento pelo treinamento clínico dos pastores (desde Boisen) é ambíguo no tocante à sua influência. No lado positivo, ensinou os pastores a dar atenção cuidadosa a cada

26 A história grega de Filoctete, que tinha uma ferida fétida e incurável e cujo arco invencível foi indispensável para a tornada de Tróia, fornece um suporte mítico para o conceito do "curador ferido" — aquele cujo poder para ajudar é inseparável de sua participação no sofrimento. Veja Edmund Wilson, *The Wound and the Bow* (Nova York: Oxford University Press, 1965), PP. 223/242, e Henri J. M. Nouwen, *The Wounded Healer: Ministry in Contemporary Society* (Nova York: Doubleday & Co., 1972).

27 Veja Ivan Ulich, *A Expropriação da Saúde: Nêmesis da Medicina* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 4ª. edição, sem data).

situação de sofrimento, a trazer ao evento da dor uma compaixão consciente. Tem alertado de forma adequada contra a inutilidade da moralização. Mas, pelo lado negativo, encorajou a utilização de modelos médicos seculares para entender o sofrimento e, portanto, perpetrou o mito da terapêutica.²⁸ Em lugar de atribuir o sofrimento ao "pecado dos antepassados", traçou suas origens às neuroses das mães, e colocou toda uma geração de pastores a serviço da extinção da dor da alma. Não se ganhou nada, e se perdeu muito, ao substituir a compreensão teológica pelas pressuposições da psicologia.

Os pastores foram conduzidos aos templos da psiquiatria. Receberam treinamento para repetir fórmulas mágicas e rituais e depois foram enviados de volta às igrejas cristas para tentar aplicar o que aprenderam. Foram colocados dentro de hospitais e clínicas, como "capelães", obrigados a se colocarem a serviço de um sacerdócio médico, para aprenderem a curar almas. Admirados com o prestígio, os salários, a tecnologia e o imenso poder da elite médica, voltam para suas congregações completamente convencidos de que são inferiores aos praticantes da ciência moderna. Em face da ordenação, os pastores sentem-se condenados a viverem em meio aos sofrendores, sendo amadores, queixando-se em oração e fazendo prescrições bíblicas, enquanto os médicos, que lhes são superiores, dosam cientificamente os remédios e vendem seus conselhos com arrogância só comparável à dos sofistas gregos (contra quem Sócrates lançou sua ira).

Durante o treinamento para as atividades clínicas, os pastores ouvem dos instrutores que fazem parte da mesma "equipe de cura" que médicos e enfermeiros. Isto é uma mentira deslavada.

dessa "equipe", os pastores são vistos como nada mais do que um incômodo inevitável. Com raras exceções, são considerados intrusos. E isto deve ser assim mesmo, porque tanto os postulados quanto os alvos dos dois grupos são diferentes.

James Otis Sargent Huntington, americano morto em 1935, seguidor da alta tradição da igreja anglicana de Pusey e Keble, escritor habilidoso de cartas de aconselhamento espiritual, excluiu todo utilitarismo das consolações:

Esforce-se para estar à altura da dignidade deste sofrimento.²⁹

O pastor que aceita essa tarefa nunca tentará explicar o sofrimento nem elaborar projetos para acabar com ele. Uma das expressões mais ofensivas que já apareceram na literatura moderna sobre o pasto rado é "administração do sofrimento". Tentar utilizar técnicas burocráticas com as pessoas no que elas têm de mais humano e no momento em que estão mais vulneráveis e supor que com truques psicológicos e com manipulação, a dor da morte pode ser reduzida ou a tristeza da perda mitigada não passa de insensibilidade.

Os pastores não têm de interferir na aflição dos outros nem tentar manipulá-la. No sofrimento, estamos muito vulneráveis à graça, capazes de reconhecer novas dimensões de Deus e novas profundezas de nosso ser. Encarar a tristeza como "problema" é menosprezar a pessoa. O fato de não haver em Lamentações (na Bíblia!) fórmulas nem mágicas que assegurem a proteção contra os efeitos da ira divina, recurso comum às civilizações vizinhas,

29 Citado por John T. McNeill, *A History of the Cure of Souls* (Nova York: Harper & Brothers, 1951), p. 244.

adverte-nos contra a adoção de "técnicas" de alívio do sofrimento. Lamentações não é administração do sofrimento. Mostra, porém, que, pelo compartilhamento, há alívio. Mas não solução, nem eliminação. O livro também não tenta acabar com a dor. O sofrimento é uma de suas incumbências, e ele não volta as costas para suas obrigações.

A maioria das pessoas que tratam do sofrimento - e os pastores se destacam dentro deste grupo - em face do temperamento e do treinamento que recebem, têm facilidade para agir e consertar. O desejo é tomar alguma atitude diante do que está errado com o mundo. O sofrimento mostra que há alguma coisa errada com uma pessoa, e os profissionais estão prontos a agir diante disto. Mas

... o sofrimento nem sempre é um fenômeno patológico. Em lugar de ser sintoma de uma neurose, ele pode muito bem ser uma conquista humana, especialmente se derivar de frustração existencial. Eu negaria com veemência que a busca de sentido para a existência, ou até mesmo dúvidas diante dela, deriva, ou resulta, sempre da doença.³⁰

Edith Weisskopf-Joelson observou:

Nossa filosofia atual de higiene mental enfatiza a ideia de que as pessoas deveriam ser felizes, que a infelicidade é um sintoma de desajuste. Este sistema de valores poderia ser responsável por um fato: a infelicidade de ser infeliz aumenta o peso da felicidade inevitável.

30 Frankl, p. 120.

Ela procura alguém que

... vá contra determinadas tendências doentias na cultura moderna dos Estados Unidos, onde o sofredor incurável tem muito poucas oportunidades para se orgulhar de seu sofrimento e considerá-lo enobrecedor e não degradante...³¹

Lamentações, indo contra a tendência, demonstra a nobreza do sofrimento. Encara-o, encontra-o. Não faz nada em relação a ele. Não apresenta respostas, não dá remédios. Ao levá-lo a sério, concede-lhe significado. C. S. Lewis colocou da seguinte maneira:

E, ao que parece, de acordo com todos os registros, embora tenha com frequência nos reprovado e condenado, jamais nos considerou com desprezo. Ele nos prestou o intolerável cumprimento de nos amar, no sentido mais profundo, mais trágico e mais inexorável.³²

Lamentações se coloca como uma força contrária ao "triunfo da terapêutica". Firma o pastorado na atitude dolorosa e paciente de encarar o sofrimento, parte inevitável da tarefa, sem tentar "ajudar". Opõe-se às tendências de manipulação e alívio, sempre condescendentes e, de uma forma ou de outra, desumanizadoras. Ao alicerçar o pastor na prática de levar a sério o sofrimento, encoraja a longanimidade, concede significado e dignidade ao sofredor e deixa a cura a cargo de Deus, em Cristo, na Cruz.

31 Citado por Frankl, p. 114.

32 C. S. Lewis, *O Problema do Sofrimento* (São Paulo: Mundo Cristão, 1983), p. 30.

O pastor, estimulado pelo livro de Lamentações, terá forças para fazer menos em relação ao sofrimento, ao mesmo tempo que estará muito mais com os que sofrem. Ele não cairá na tentação de resolver os problemas de quem sofre e se lançará a um ministério que trará honra à pessoa aflita. A longo prazo, o que mais diminui uma pessoa que sofre é a atitude condescendente que tenta consertar o que está errado. A postura que concede mais sentido à dor é a fidelidade em levar o sofrimento a sério e a companhia enquanto se espera o amanhecer.

COMUNIDADE

A análise que Hermann Gunkel fez em 1929 mostrou que, dentre os cinco poemas de Lamentações, os capítulos 1, 2, 4 e 5 são lamentos comunitários. O capítulo 3 é individual, com alguns elementos comunitários.³³ Essa análise crítica geral da forma foi aperfeiçoada, mas a observação básica permanece: Lamentações é um livro comunal. O sofrimento é transformado em um ato comunitário. Os elementos individuais que aparecem (como no capítulo 3) se incorporam ao lamento de todos. Isto é verdade não apenas em Lamentações, é um estilo bíblico. Quando o povo chorava, era acompanhado por seus amigos.

Esta consideração é importante para o pastorado. Uma das estratégias do pastor é entrar no sofrimento particular e transformá-lo em um evento compartilhado. A forma bíblica de lidar com a dor é passá-la da categoria individual para corporativa. Não foi o pecado de uma única pessoa que resultou na desolação da queda de Jerusalém. Por isto, ninguém deveria chorar sozinho: a reação diante do sofrimento é uma atribuição da congregação.

33 Hillers, p. XXVII.

A maioria das culturas demonstra compreensão espontânea disto. Os amigos se reúnem quando um sofre e juntam suas lágrimas e orações, em um lamento comum. Não abafam o som dos soluços; antes, o intensificam. Não escondem o sofredor, mas o deixam na praça pública, à vista de todos. A cena de abertura da Rapsódia XXIII da *Iliada* é um exemplo típico das culturas antigas. Aquiles estivera-se escondendo no meio dos barcos, sozinho, durante a maior parte da batalha. Aparece na cena quando seu melhor amigo, Pátroclos, morre em uma luta contra o campeão de Tróia, Hector. Em vez de se isolar para tratar seu sofrimento, como fizera antes para cuidar da vaidade ferida, ele reúne todo o exército acaio no ato de lamentação:

Mirmidões, fiéis companheiros meus, não desatrelamos ainda dos carros os rápidos cavalos de rijas, indivisas patas; com os cavalos e carros aproximemos e choremos Pátroclos: é a honra que aos mortos cabe. Depois, quando estivermos fartos de lamentações funestas, soltamos os cavalos e aqui jantamos todos.³⁴

Várias coisas acontecem quanto o sofrimento individual se integra ao lamento comunitário. Em primeiro lugar, o ato da dor ganha significado. Se outros choram comigo, o sofrimento deve ser mais importante do que minha fraqueza ou sentimento egoísta de perda. Quando outros se unem ao sofredor, há uma "validação consensual" de que o sofrimento tem algum significado. A comunidade decide, com lágrimas, que há uma dor que vale a pena chorar.

Além disto, a participação da comunidade assegura a existência de um ambiente humano. A presença de pessoas de hu-

34 Homero, *Iliada* (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1960), vol. III, p. 53.1

manidade inquestionável vai contra a ameaça de desumanização - serem reduzidos ao nível de "animais que perecem" — que cerca os que se expõem à dor. Aqueles que insistem em sofrer sozinhos, por teimosia ou religiosidade, não apenas se despersonalizam, mas também privam a comunidade de participar em atos que expandem necessariamente sua característica de comunidade humana.

Mais uma vez, ao se unir em lamento, a comunidade sanciona a expressão da perda: legitima o derramar da emoção, de forma que dá espaço à catarse e à renovação.

A catarse do sofrimento e da rejeição é o alvo das liturgias do lamento.³⁵

A *incapacidade de lamentar* (título de um livro de A. e M. Mitscherlich, estudo sobre o "entorpecimento psíquico" que aconteceu na Europa após a Segunda Guerra Mundial) é um problema psiquiátrico que aflige os que não vivem em comunidade, e leva à perda de vitalidade e à depressão. Quando é impossível expressar o sofrimento de forma emocional, surge a incapacidade para se recuperar. Uma passagem tragicômica no livro *O Tambor*, de Gunter Grass, escrito no pós-guerra, descreve essa incapacidade para o lamento que permeia as culturas em que a vida comunitária se enfraqueceu, as tentativas desesperadas de produzir lágrimas e o que uma sociedade despersonalizada tem de fazer para compensar a perda:

pois não se disse de modo algum que quando os corações estão cheios também os olhos transbordam; alguns não conseguem isto

³⁵ Gottwaid, *Interpreter's 5 Dictionary of the Bible*, vol. 3, p. 62.

nunca, sobretudo durante os últimos decênios, e por isto algum dia se designará o nosso século como o século sem lágrimas, apesar de todos os seus sofrimentos. E por isto também, precisamente em razão desta falta de lágrimas, as pessoas que dispunham dos meios para isto iam à Adega das Cebolas de Schmuhe e recebiam do dono uma tabuinha de picar - porco ou peixe — e uma faca de cozinha de 80 pfenning e, por 12 marcos, uma vulgar cebola de cozinha, de jardim ou de campo, e lá iam cortando em pedacinhos cada vez menores, até que o suco conseguiam. Quê? Obtinham isto que o mundo e a dor deste mundo não conseguem produzir: a esférica lágrima humana. Aqui se chorava.³⁶

O pastorado não funcionará de modo adequado se ficar limitado ao conforto e ao consolo. É necessário incluir outros no problema. A congregação precisa se reunir para que os sofredores entendam que a dor que não são capazes de afastar pode ser entendida pelos outros. Nesse momento, então, os lamentos e protestos podem ser apresentados diante de Deus em oração. Ao usar as formas de lamento comunitárias, os sofredores se unem a seus companheiros paradigmáticos que se uniram não apenas a uma dor isolada, mas ao sofrimento fundamental, e podem todos estar na companhia invisível dos que enfrentaram sofrimentos semelhantes, ou iguais, e sobreviveram: mais do que isto: foram exaltados.³⁷

Elie Weisel, que sentiu, entendeu e expôs o sofrimento do século 20, colocou a seguinte exortação pastoral nos lábios de um dos personagens de sua obra *Gates of the Forest* (Portões da Floresta):

³⁶ Gunter Grass, *O Tambor* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982), p. 656.

³⁷ Kornelis H. Miskotte, *When the Gods Are Silent*, traduzido para o inglês por John W. Doberstein (Londres: Collins, 1967), p. 248.

É desumano prender-se na dor e nas lembranças como numa prisão. O sofrimento precisa de nos abrir para os outros. Não pode levar-nos à rejeição. O Taimude diz-nos que Deus sofre com o homem. Por quê? Para fortalecer os laços entre a criação e o Criador. Deus escolhe sofrer para entender melhor o homem e ser mais bem-entendido por ele. Mas você insiste em sofrer sozinho. Este tipo de sofrimento faz com que se encolha e seja diminuído. Amigo, isto é quase cruel.³⁸

O trabalho pastoral entre os que sofrem cria um caminho entre o lar e o santuário: ouve a dor individual e a leva até o santuário, onde ela se torna parte do sofrimento comum, é colocada aos pés da cruz e subjugada aos poderes da salvação expostos em todas as teologias da expiação.

Desta forma, o trabalho do pastor leva ao santuário aquilo que, de acordo com o desejo de Miguel Unamuno, aconteceria em todas as ruas:

Estou convencido de que muitos problemas seriam solucionados se todos fôssemos para as ruas e revelássemos nossas tristezas, o que talvez mostrasse que existe uma só tristeza, comum a todos, e nos uniríamos para chorar. ... Um *miserere* cantado em conjunto por uma multidão atormentada pelo destino tem muito valor como filosofia. Não é o suficiente para curar a praga, precisamos de aprender a chorar por ela. ... Talvez seja esta a suprema sabedoria.³⁹

38 Elie Wiesel, *The Gates of the Forest* (Nova York: Avon Books, 1974), p. 180.

39 Citado por Colman McCarthy, *Inner Companions* (Washington, DC: Acropolis Books Ltd., 1975), p. 227.

CONSOLO

Todos que já estiveram doentes, aflitos ou magoados passaram pela experiência de ver os outros tentando ajudar, e sabem como é frequente essas tentativas serem inúteis. Em um leito de hospital, ou em meio a uma depressão, sentindo dor, de nada nos adianta um amigo ou pastor nos dizer, com alegria artificial, que "tudo vai acabar bem". Os que sofrem sabem, em face dos momentos em que se acalmam e pensam no assunto, que tudo vai acabar bem (ou então já têm certeza de que o final não será o que esperam). Mas, em meio à dor, ajudaria muito ter alguém com a paciência, ou a coragem, suficiente para apenas compartilhar da situação presente, ou seja: fazer-nos o grande favor de prestar atenção em nós e de nos tratar como as pessoas importantes que somos. Os piores aspectos da perda e da dor são a solidão e a rejeição que elas envolvem. Não há como compensar isto com discursos alegres. Erik Routiey escreveu:

Ouvi, com algum prazer, um comentário sarcástico feito por um pastor em uma palestra para uma missão universitária: "Cada vez que encontro cristãos exultantes", disse ele, "mais me convenço de que prefiro os cristãos taciturnos". Pode haver um toque terrível de insensibilidade no cristianismo que apresenta respostas prontas.""

A grande frase de 2 Coríntios, "nele sempre houve "sim" (1.19)", constitui o fundamento para a alegria em todo o trabalho pastoral. Mas, se expressa de forma imprópria, transmitirá apenas indiferença e incapacidade de levar o sofrimento a sério.

40 Erik Routiey, *Ascent to the Cross* (Londres: SCM Press Ltd., 1962), p. 29.

Lamentações é uma defesa contra o consolo prematuro, contra os que "tratam da ferida do meu povo como se não fosse grave". Durante o tempo de ruína sempre há os que tentam colocar sobre a ferida do julgamento o curativo do consolo. Mas o consolo não funciona se não for acompanhado pelo tratamento sério da dor do julgamento. Quantas vezes as Lamentações foram repetidas antes que brotassem novas palavras dos lábios de outro profeta?

Consolem, consolem o meu povo,
diz o Deus de vocês.
Encorajem a Jerusalém e anunciem
que ela já cumpriu o trabalho
que lhe foi imposto,
pagou por sua iniquidade,
e recebeu da mão do SENHOR
em dobro por todos os seus pecados.
(Isaiás40.1-2)

Todos os que trabalham com cura, todos os pastores, precisam permanecer alerta aos perigos do consolo prematuro. O cuidado de Denise Levertov aponta para o pastorado:

Contudo o medo me importuna: a ferida
que minha vida sofreu
estará sarando depressa demais,
aprisionando sangue infectado?
Será que uma cicatriz
marcará a pele de minha alma?⁴¹

41 Denise Levertov, *Strange Song*, em *The Freeing of the Dust* (Nova York: New Directions, 1975), p. 67.

A Tarefa Pastoral de Compartilhar a Dor: Lamentações

O pastor que faz um estágio em Lamentações adquire certa calma no ministério com os sofredores - não se pode correr por um acróstico. Com esta calma será possível desenvolver a paciência que leva a sério os detalhes da dor e por isto lhes confere um tipo de dignidade.

Durante o processo, aprenderemos que as ruínas não são um desastre: deixaremos de lado o pânico. Não há como apressar a cura. Em Lamentações, o sofrimento não é um desastre funesto a ser evitado, mas, sim, uma difícil operação de cura que deve ser aceita. Os pecados que debilitam e degradam, tanto os nossos quanto os dos outros, são tratados para que a integridade da redenção restaure o sentido de toda a vida. No julgamento, Deus retira os pecados que maculam a devoção, perdoa os que dividem a comunidade e faz expiação pelos que condenam à perdição.

A maior parte de Lamentações é constituída de lamentos. Mas o texto não se limita a isto. No centro dos lamentos, há um ponto de luz: o caos da dor dá lugar à fidelidade de Deus, que mostra as linhas da salvação nas formas da criação.

Lembro-me de minha peregrinação miserável, o verme e o veneno. Recordo, por certo, em meu interior, e estou desesperado. Mesmo assim, vou manter em minha mente uma coisa que me dará esperança:

Certamente a misericórdia de Javé não chegou ao fim, nem sua piedade acabou.

Ela se renova todas as manhãs. Grande é Tua fidelidade!

Javé é minha porção. E o que digo a mim mesmo, portanto terei esperança.

(3.19-24)⁴²

42 Hillers, p. 50.

A frase mais importante aqui é "Javé é minha porção", citação da Tora. Deus a dissera séculos antes, e Levi a aceitara (Deuteronômio 10.9 e Números 18.20). A promessa fora preservada. O dito antigo passara de uma geração a outra, e o povo se apegou tenazmente a ele durante os piores problemas. Então, subitamente, sob a pressão do sofrimento, ela revelou seu conteúdo bem inesperado naquela situação. *Pathçmata mathçmata* ("o que se sofre é o que se aprende"). Agora o povo sabia que tinha comunhão com um Deus misericordioso e que não havia como se perder dEle, já que Ele não era atingido pelas mudanças das circunstâncias externas.

As sentenças querigmáticas são sussurradas (ou gritadas!) através dos soluços torturantes da métrica *kinah*. O caos e a escuridão do sofrimento se transformam na primeira luz da manhã. "Certamente a misericórdia de Javé não chegou ao fim, nem sua piedade acabou. Ela se renova todas as manhãs. Grande é Tua fidelidade!" Uma palavra de gênese. Nietzsche escreveu um epigrama:

"Só há ressurreição onde existem túmulos." ⁴³

⁴³ Citado por Barth, *Romans*, p. 416.